



A mulher e a caricatura no Rio Grande do Sul:

três estudos de caso

FRANCISCO DAS NEVES ALVES

22


COLEÇÃO
RIO-GRANDENSE



CIDH

Cátedra Convidada FCT /Infante Dom Henrique
para os Estudos Insulares Atlânticos e a Globalização


BIBLIOTECA
RIO-GRANDENSE

A mulher e a caricatura no Rio Grande do Sul: três estudos de caso



COLEÇÃO
RIO-GRANDENSE



CONSELHO EDITORIAL

Alvaro Santos Simões Junior

- Universidade Estadual Paulista – Assis -

António Ventura

- Universidade de Lisboa -

Beatriz Weigert

- Universidade de Évora -

Carlos Alexandre Baumgarten

- Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul -

Carlos Carranca

- Universidade Lusófona -

Eloisa Helena Capovilla da Luz Ramos

- Universidade do Vale do Rio dos Sinos -

Ernesto Rodrigues

- CLEPUL – Universidade de Lisboa -

Francisco Gonzalo Fernandez Suarez

- Universidade de Santiago de Compostela -

Francisco Topa

- Universidade do Porto -

Isabel Lousada

- Universidade Nova de Lisboa -

João Relvão Caetano

- Cátedra Infante Dom Henrique (CIDH) -

José Eduardo Franco

- CIDH e CLEPUL – Universidade de Lisboa -

Maria Aparecida Ribeiro

- Universidade de Coimbra -

Maria Eunice Moreira

- Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul -

Vania Pinheiro Chaves

- CIDH e CLEPUL – Universidade de Lisboa -

Francisco das Neves Alves

A mulher e a caricatura no Rio Grande do Sul: três estudos de caso



CIDH

Cátedra Convidada FCT / Infante Dom Henrique
para os Estudos Insulares Atlânticos e a Globalização



Biblioteca Rio-Grandense
Lisboa / Rio Grande
2019

**DIRETORIA DA CÁTEDRA INFANTE DOM HENRIQUE
PARA OS ESTUDOS INSULARES ATLÂNTICOS E A
GLOBALIZAÇÃO**

Diretor: José Eduardo Franco

Diretor-Adjunto: João Relvão Caetano

Secretária: Aida Sampaio Lemos

Tesoureira: Joana Balsa de Pinho

Vogais: Maurício Marques, Paulo Raimundo e Carlos Carreto

DIRETORIA DA BIBLIOTECA RIO-GRANDENSE

Presidente: Francisco das Neves Alves

Vice-Presidente: Pedro Alberto Távora Brasil

Diretor de Acervo: Mauro Póvoas

1º Secretário: Luiz Henrique Torres

2º Secretário: Ronaldo Oliveira Gerundo

1º Tesoureiro: Valdir Barroco

2º Tesoureiro: Roland Pires Nicola

Ficha Técnica

- Título: A mulher e a caricatura no Rio Grande do Sul: três estudos de caso
- Autor: Francisco das Neves Alves
- Coleção Rio-Grandense, 22
- Composição & Paginação: Marcelo França de Oliveira
- Cátedra Infante Dom Henrique para os Estudos Insulares Atlânticos e a Globalização
- Biblioteca Rio-Grandense
- Lisboa / Rio Grande, Agosto de 2019

ISBN – 978-85-67193-29-8

Apresentação*

Ao longo do século XIX, os periódicos voltados à divulgação da caricatura tiveram ampla popularidade. Tal processo se verificou no contexto brasileiro como um todo, notadamente nas maiores localidades, como aconteceu no Rio Grande do Sul, no qual circularam folhas caricatas nas cidades de Porto Alegre, Pelotas e Rio Grande. A incorporação da imagem ao jornalismo constituiu um considerável fator de aceitação desses periódicos, os quais poderiam atingir até as populações pouco letradas e mesmo os analfabetos (cfe. MELO, 1985, p. 120-121). Nesse sentido, rápidos traços sobre o papel, muitas vezes, contribuíram para expressar uma opinião de forma mais objetiva do que através de um longo texto (cfe. BAHIA, 1960, p. 39).

Por meio de imagens carregadas de ironia, associadas e/ou complementadas por escritos da mesma natureza, as

* Francisco das Neves Alves é Professor Titular da Universidade Federal do Rio Grande, Doutor em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e realizou Pós-Doutorados junto ao ICES/Portugal (2009); à Universidade de Lisboa (2013), à Universidade Nova de Lisboa (2015), à UNISINOS (2016) à Universidade do Porto (2017) e à PUCRS (2018). Entre autoria, coautoria e organização de obras, publicou mais de cento e trinta livros.

Este livro corresponde ao trabalho desenvolvido no Estágio Pós-Doutoral realizado junto à UNISINOS, sob a supervisão da Profa. Dra. Eloisa Helena Capovilla da Luz Ramos, com o Projeto intitulado “A imprensa caricata sul-rio-grandense e a construção de imagens femininas no século XIX”, dando continuidade ao primeiro e ao vigésimo volumes publicados nesta Coleção.

publicações caricatas tiveram na prática de um humor direto e incisivo (cfe. FERREIRA, 1944, p. 18), um dos elementos essenciais que marcou o seu norte editorial. Assim, com a imprensa caricata, o desenho de humor envolveu mais o seu consumidor, apresentando um conteúdo próprio, natural e original (BAHIA, 1990, p. 129). Como a imagem traz consigo um registro abrangente, baseado em um dos sentidos que caracterizam a condição humana (KNAUSS, 2006, p. 99), tal gênero jornalístico tem a propriedade de apresentar uma versão caricatural da realidade retratada.

Na época em pauta há uma efervescência entre os desenhistas e os litógrafos no sentido de captar o momento, registrando o tempo vivido (PINTO, 1997, p. 21), revelando vários detalhes das vivências em sociedade. Nesse quadro, a figura feminina teve uma atenção especial de parte dos caricatos, que, mostrando uma versão masculina, apresentavam uma visão dicotômica acerca das mulheres (BURKE, 2017, p. 201-202). Uma perspectiva elogiosa cabia à figura angelical da mulher, mãe e esposa, que cumpria o papel social dela esperado, vinculado à submissão matrimonial e doméstica; por outro lado, a crítica e a censura eram destinadas à outra imagem da mulher, colocada no outro espectro, o demoníaco, quando não se coadunava àquelas funções dela esperada (cfe. ALVES, 2017, p. 111). Por meio do recurso iconográfico, da piada, do trocadilho, do humor, da poesia e dos discursos ambíguos e paradoxais (EPSTEIN, 1993, p. 125), os hebdomadários caricatos criaram verdadeiros estereótipos acerca do feminino, refletindo, à sua maneira, o cotidiano daquela época. Por meio de estudos de caso, este livro dedica-se a analisar essas incursões ao mundo feminino da parte de três periódicos caricatos sul-rio-grandenses.

SUMÁRIO

<i>O Fígaro</i>	9
<i>Cabrion</i>	35
<i>A Ventarola</i>	66

O Fígaro

O *Fígaro* constituiu uma folha ilustrada editada em Porto Alegre de 1878 até meados do ano seguinte. Foi impresso primeiramente na tipografia do *Deutsche Zeitung*, depois nas oficinas do *Mercantil* e finalmente nos tabuleiros da *Reforma*. Sua assinatura custava 16\$000 por ano, 9\$000 por semestre e 5\$000, por trimestre, já o número avulso era vendido a 500 réis. O artista responsável por seus desenhos era Cândido de Faria, que já atuara na imprensa caricata da Corte. Tal periódico contou com a colaboração de escritores como Múcio Teixeira, Damasceno Vieira e Dionísio Monteiro (FERREIRA, 1962, p. 62-76).

O título do periódico alude à figura do barbeiro, personagem teatral e operístico, além de ser o nome de um longo jornal francês. Na sua primeira página da edição original, aparecia o bufão, com a viola a tiracolo e o lápis à mão, pronto para esquadrinhas as caricaturas. Em versinhos, reiterando o título estampado no frontispício, o personagem afirmava: “Eu venho respeitoso, alguma coisa tímido/ Pedir a proteção do povo hospitaleiro,/ Navalhas e pincéis, escovas e cosméticos/ Há tudo, e muito bom, em casa do barbeiro”. Na primeira edição aparecia ainda o programa do semanário, também estampado na forma de versos, aludindo aos vários instrumentos de trabalho do barbeiro que, figurativamente, seriam utilizados a serviço da caricatura, notadamente a navalha que, afiada, em muito serviria para a realização da crítica (O FÍGARO. Porto Alegre, 6 out. 1878. A. 1. N. 1. p. 1 e 2).

Porto Alegre - 6 de Outubro 1878. Nº 1

ANNO 1º

FIGARO

Publica-se
uma vez por semana
Folha Illustrada

Recebem-se
assignaturas e
vendem-se annos a 200 rs. a uma
dos Andrades
Nº 216

Preços de assignatura:
Capital,
1 anno - 16*000
6 mezes - 9*000
3 mezes - 6*000
Provº anno - 20*000
6 mezes - 11*000
Pagante adiantado



Eu venho respeitoso, alguma coisa timido
Pedir a protecção do povo hospitaleiro,
charalhar e lincear, encovar e cosmetizar
Ha tudo, e muito bom, em casa do barbeiro.

Fígaro, gentil barbeiro
Que Rossini e Beaumarchais
Tornaram tão conhecido
Vem hoje, tal como é,

Com donaire prazenteiro,
Oferecer os seus serviços
Ao povo porto-alegrense.
Porém ninguém ai pense
Que, além de suas navalhas,
Ele use daquelas malhas
Com que prendia Rosina,
A pupila peregrina
Do mais casmurro tutor.
Nada disso, não, senhor:
O que pode asseverar
É que há de barbear
A todos com muito jeito
(Como hoje está aceito
No mundo civilizado).
Sabonete parfumé
Veloutine Charles Fay,
O freguês ensaboado,
Não sentirá nada o fio
Do seu ferrinho amolado.
E quando a mão, mais pesada
Esfole um pouco o freguês,
Em lugar do *cold creme*,
Faz na viola um arpejo,
E doce como um bafejo
Neutraliza-lhe o revés.
Mas, deixemos para o lado,
O sentido figurado.

Como vedes, leitor, este jornal
É crítico, humorístico e ilustrado,
Quer bem aceito ser, não odiado,
Nesta nossa formosa capital.

A vida íntima – o viver do lar –
Há de ser nele sempre respeitada,
E na crítica usará da alfinetada
Que não possa ferir nem machucar.

Pretende fazer rir, nunca doer,
Fígaro o diz, o assegura,
Tende nele fé; haveis de ver.

Eis o programa; é verdade pura,
Para o cumprir há pouco que fazer;
Concorra cada qual com a assinatura.

Ao longo de sua curta existência, como típico representante da pequena imprensa, as páginas do *Fígaro* trouxeram várias incursões à abordagem do feminino. Os namoros e as aproximações entre mulher e homem, as moças namoradeiras, o casamento e suas limitações, os tantos defeitos atribuídos ao feminino e a suposta fixação das mulheres pelo aperfeiçoamento da aparência e a submissão aos ditames da moda foram alguns dos temas recorrentes nas referências realizadas pela folha caricata quando o assunto era a mulher.

Os encontros e desencontros na arte do flerte e do namoro apareceram no *Fígaro* em um conjunto de caricaturas intitulado “Os bailes”, atividade festiva que servia como ambiente favorável às possíveis aproximações, sem que o humor deixasse de ser a tônica predominante (O FÍGARO. Porto Alegre, 27 out. 1878. A. 1. N. 4. p. 4-5). No primeiro desenho, um cavalheiro pedia permissão de uma senhora para poder dançar com a filha dela e era surpreendido pela resposta da mãe, mostrando-se esta sim disponível. No diálogo, o rapaz dizia “Desejava dançar esta valsa com a filha de V. Ex.”; e a senhora respondia: “Minha filha acha-se incomodada. O médico proibiu-lhe danças de roda, mas eu sou louca pela valsa”.



As diferenças de idade entre os pretendentes também se fazia presente neste conjunto de desenhos do hebdomadário porto-alegrense, ao mostrar um homem bem mais velho, dançando com uma mulher mais jovem. A legenda era sucinta: “Sempre se acha um chinelo velho para um pé doente”. Em outra parte do “baile”, não chegava a aparecer a figura feminina, mas ela era o tema da conversa entre dois homens, um deles carrancudo e em posição ameaçadora em relação ao outro. Era o pai que tentava afastar sua filha do assédio de um rapaz, aludindo a um interesse calcado essencialmente na questão financeira. Nesse sentido, o pai bradava: “Oh! seu petimetre, se você dançar a terceira vez com minha filha, com o cheiro no dote, dou-lhe dois cascudos”.

Ainda no mesmo conjunto caricatural, apareciam duas moças dançando entre si e a legenda revelava que aquela situação, sem a presença masculina, era a que mais trazia infelicidade aos pretendentes e tranquilidade materna: “O terror dos polkistas e o prazer das mamãs”. Em outra ilustração, um homem, de dedo em riste, repreendia severamente sua esposa, por motivos de ciúmes, conforme explicava o texto: “Não sei qual é a razão por que meu marido, toda a vez que eu venho ao baile com minha manta

encarnada, fica furioso?”.

O conjunto de figuras trazia ainda uma cena na qual vários casais dançavam, e, em meio a eles, um rapaz tecia comentários acerca de peça da indumentária feminina, utilizada para aumentar o volume de uma parte do corpo: “Eu logo vi que esta usava de anquinhas”. Em outra parte do baile, uma menina apontava para um homem, ameaçando-lhe de contar sobre suas investidas: “Ah!... o senhor não dança com vigésimos... pois eu vou contar à mamã que o Sr. anda dando beijos na mana Chiquinha”. Acontecia ainda uma incursão à questão da moralidade, quando uma senhora recomendava a seu parceiro de dança: “Sr. Guedes, guardemos certa distância, o mundo pode falar”. Finalmente, o quadro era completo pela conversa entre um casal, na qual ela, com a face manchada, reclamava dele: “Ora Sr. Magalhães, o Sr. pinta o bigode e põe-me a cara neste estado”.











Outra cena apresentada pelo semanário caricato acerca dos intentos amorosos envoltos nos flertes mostrava um homem que se mostrava ensandecido de paixão pela pretendida, a qual cortava de modo firme toda a possibilidade de bom termo àquela investida. Nas palavras trocadas, ele se declarava: “Oh! minha senhora, se V. Exa. soubesse como tenho o coração em fogo, cheio de amor! Não como”; mas ela se limitava a retorquir: “Olhe, meu marido é médico pode dar-lhe o remédio para seu mal” (O FÍGARO. Porto Alegre, 12 jan. 1879. A. 1. N. 15. p. 5.).



A desilusão masculina diante da negativa feminina ficava também expressa em pequena historieta, na qual o jornal contava que, em “uma noite, em uma reunião de amigos, havia um sujeito fanático pela ciência de Mesmer, e querendo experimentar sobre uma dama o seu poder magnético”. Diante disso, ele, estendendo os braços, teria ordenado: “Durma; eu o quero”; ao que ela respondeu simplesmente: “Basta falar” (O FÍGARO. Porto Alegre, 16 fev. 1879. A. 1. N. 18. p. 6). Os fracassos no namoro ainda apareciam em algumas definições de “amor”, apresentadas pelo periódico. Uma delas dizia que “o namorado quer sempre ser mais amável que pode, e é esta a razão por que quase todos os amorosos são ridículos”; a outra definia: “o amor é como as moléstias epidêmicas; quanto mais se temem, mais se está exposto a elas”; e outra ainda demarcava: “Para

ser-se amado das mulheres é necessário fazer-lhes acreditar que não as conhecemos; pois elas não podem convencer-se que um homem possa conhecê-las e amá-las ao mesmo tempo” (O FÍGARO. Porto Alegre, 9 mar. 1879. A. 1. N. 21. p. 7).

Ainda acerca dos flertes, o *hebdomadário* abordava a questão das moças namoradeiras, com algumas frases de efeito. Nessa linha, afirmava: “No amor, a mulher virtuosa diz não; a apaixonada sim; a caprichosa sim e não; a namoradeira nem sim nem não”. Destacava também: “A mulher que deveras não quer ceder diz não; a que se explica deseja ser convencida”. E sentenciava: “Quem quiser ser olhado por qualquer mulher é deixar de olhar para ela”. E, finalmente, declarava: “A mulher deve-se procurar com os ouvidos e não com os olhos” (O FÍGARO. Porto Alegre, 6 out. 1878. A. 1. N. 1. p. 6).

Passada a fase dos namoros, o *Fígaro* fazia também diversas referências ao casamento. Um dos aspectos destacados vinculava-se à tensão permanente existente entre os casais, como no caso de uma historieta segundo a qual “uma senhora ainda moça encontrou a criada ocupada mui confidencialmente com seu marido” e, diante disso, “imediatamente despediu-a, dizendo-lhe: Vá; vá na paz de Deus, que para o que você aqui faz ainda eu sirvo”. Perante o narrado, a folha concluía: “É admirável e conciso!” (O FÍGARO. Porto Alegre, 6 out. 1878. A. 1. N. 1. p. 3). Tal situação tensa era retratada pela publicação ilustrada até mesmo nos momentos que antecediam o matrimônio, como foi o caso dos versinhos intitulados “Por quem se espera sempre” (O FÍGARO. Porto Alegre, 20 out. 1878. A. 1. N. 3. p. 6):

Ansiosos dois noivos aguardavam
O momento do enlace suspirado,
E o padre para uni-los não chegava,
No que o noivo cismava seu bocado.

A janela a mucama não largava,
Esperando que o padre enfim chegasse
Para avisar a noiva que cuidava
Que desta vez o noivo lhe escapasse.

A noite se chegava, o bom padreco
Sem chegar, dando causa ao falatório
Daqueles que contavam ver os dentes
No jantar enterrados, do casório.

Para distrair a conversa sente a bulha,
Cujo tema era do ato muito vário,
Eis entra o moleque; vem gritando:
Tem um burro na estaca, é *nhó* vigário.

A transição da vida enamorada dos primeiros flertes à concretude do casamento esteve também entre os temas abordados pela folha caricata, ao, sob o título “Observação”, descrever “três pares que passeavam”. O primeiro deles era um “cavalheiro” que se “inclinava sobre o braço da dama e parecia chocá-la com os olhos: era um namorado no primeiro período”. Já o segundo constituía um “rapaz” que “levantava cavalheiramente a cabeça, balançando o corpo e frisando o bigode: era um namorado aceito”. Finalmente, o terceiro era um “cavalheiro” que se “apoiava sobre a bengala e refletia profundamente: era um marido” (O FÍGARO. Porto Alegre, 22 dez. 1878. A. 1. N. 12. p. 7).

Também quanto ao casamento, as páginas do *Fígaro* traziam reflexões sobre a prioridade do matrimônio para as mulheres, notadamente no que tange à passagem da idade. Nessa linha, aparecia uma “Definição”, de acordo com a qual “o amor é um pássaro de arribação, que as mulheres esperam com curiosidade, quando são moças; que gostam de prender, quando estão na idade madura; e que só a custo deixam escapar, quando lhes chega a velhice” (O FÍGARO. Porto Alegre, 19 jan. 1879. A. 1. N. 16. p. 7). Outro mote abordado pelo semanário quanto ao matrimônio era o

casamento movido por interesses, ao mostrar, sob o título “Idílio”, ilustração na qual um casal trocava juras de amor que pareciam recíprocas, mas a revelação do pensamento do rapaz mostrava o contrário. Assim, enquanto ele dizia: “Prima eu prefiro o teu amor a tirar a sorte grande”; ela reagia: “Como ele me ama!...”; entretanto, à parte, ele imaginava: “Porque o dote é de 50 contos” (O FÍGARO. Porto Alegre, 23 mar. 1879. A. 1. N. 23. p. 1).



As apreciações negativas quanto ao feminino eram outra presença nos textos e desenhos do *Fígaro*. As imagens da mulher associadas a um ser angelical, para depois serem transmutadas a uma entidade diabólica, estiveram presentes em versinhos dedicados “À certa moça”, que diziam (O FÍGARO. Porto Alegre, 13 out. 1878. A. 1. N. 2. p. 4):

Se uniram, deram-se as mãos
Os anjos e a natureza.
E te deram muito encanto,
Muitas graças e belezas,
E um sorriso celeste,
E uma boca formosa,
E uns olhos pretos e belos,
E faces bem cor de rosa.
E mais... e mais... tantas coisas,
Que a dizê-la não acabo,
Porém o teu coração...
Oh! esse... deu-te o diabo!

Adjetivações depreciativas em relação às mulheres apareciam também em seção de frases curtas, sob o título de “Vespas e pirilampos”, segundo as quais “As mulheres adivinham tudo e só se enganam, quando refletem”; e ainda: “As mulheres da grande roda podiam vencer os pecadores; mas, para isso, não deviam lutar com eles” (O FÍGARO. Porto Alegre, 27 out. 1878. A. 1. N. 4. p. 2). Em outra seção no mesmo estilo, denominada “Miudezas”, era publicada conversa destinada a demarcar o quanto terrível poderia ser uma esposa. Nesse sentido, o primeiro interlocutor perguntava: “Tua mulher está ausente! Para onde foi?”; ao que o outro respondia: “Para o Rio de Janeiro”. Diante disso, aquele questionava alarmado: “Como a deixaste ir? Não anda lá a febre amarela?”; obtendo uma resposta lacônica, mas incisiva: “Não – duas epidemias nunca andam juntas” (O FÍGARO. Porto Alegre, 22 dez. 1878. A. 1. N. 12. p. 7).

Ainda em uma outra seção composta de frases curtas e de tendência jocosa, o periódico apontava: “A língua é a espada das mulheres” (O FÍGARO. Porto Alegre, 19 jan. 1879. A. 1. N. 16. p. 7). A imagem da esposa terrível, mesmo após a morte do marido, também fez parte das incursões da folha caricata, como ao mostrar o diálogo entre uma viúva e a amiga que lhe visitava. Nesse sentido, o hebdomadário criava a cena, destacando que, “tendo morrido o Sr. ***, sua mulher não cessava de chorá-lo. Uma sua amiga foi fazer-lhe uma visita de condolência, e para animá-la dizia-lhe: - Tem coragem, pensa em teus filhos, vive para eles”. A resposta da viúva dava o caráter chistoso e crítico: “Oh! tranquiliza-te, respondeu-lhe a viúva, eu não me deixarei morrer de dor... mas tu conheceses os meus nervos, *qualquer bagatela* me põe em convulsões” (O FÍGARO. Porto Alegre, 16 fev. 1879. A. 1. N. 18. p. 6).

Dentre as qualificações pejorativas imputadas ao feminino, estiveram as acusações/insinuações quanto às perfídias. A traição aparecia em historieta publicada em seção jocosa intitulada “Migalhas”, na qual “um marido de há muito enganado por sua mulher, encontra-a uma vez nos braços de certo cadete”, diante disso, ele “enfurece-se, dá por paus e por pedras, arranca os cabelos, etc, etc”. Diante da cena, o marido afirmava: “Acabas ou não de me enganar?”; ao que a esposa respondia: “Pois não. Não sabes o que o médico me receitou a última vez que o consultei...”. Perante tal questão, o homem insistia: “Que foi então?”; e ela replicava: “Que não alterasse os meus costumes!...” (O FÍGARO. Porto Alegre, 27 out. 1878. A. 1. N. 4. p. 7).

Outra estória de traição era apresentada na forma de diálogo entre dois homens. O primeiro declarava: “Obriguei X a abrir falência”; e o outro questionava: “Como assim? Não eras íntimo de sua mulher?”. Perante a pergunta, aquele dizia: “Era, e era eu quem lhe fornecia os capitais, mas vim a saber que a senhora X me atraía; a falsa...”; e o segundo voltava a perguntar: “Mas com quem te enganava

ela?"; e a resposta era mordaz: "Com seu próprio marido" (O FÍGARO. Porto Alegre, 24 nov. 1878. A. 1. N. 8. p. 7). Sob o título "Cena de família" era publicado outro diálogo entre dois indivíduos, versando sobre perfídias (O FÍGARO. Porto Alegre, 26 jan. 1879. A. 1. N. 17. p. 6):

- Ah! meu amigo, minha mulher engana-me.
- Sabes quem é o sedutor?
- Sei e é justamente o que me apoquento.
- Por quê?
- Porque lhe devo dinheiro.
- Mas que tem isso?
- Se me zango, é capaz de me pedir.

Também quanto ao tema, outro diálogo entre dois homens era apresentado, afirmando o primeiro: "Andas sempre a dizer-me que és enganado por Luiza, estás certo disso ou não estás?"; e o outro respondia: "Eu não sei, pode-se lá ter certeza de alguma coisa com as mulheres?". Em outra historieta, era construída cena na qual "à hora da morte uma inglesa chamou o marido e confessou-lhe que era criminosa. Tinha-lhe sido infiel". Diante da confissão, "respondeu-lhe o marido que lhe perdoava, contato que ela lhe perdoasse também, porque havia de que". Frente a tal impasse, a esposa questionava: "Mas de que se trata?"; e o marido confidenciava: "Sabendo já o que me contou, mandei-a envenenar!..." (O FÍGARO. Porto Alegre, 26 jan. 1879. A. 1. N. 17. p. 6).

A traição feminina apareceu também na forma de caricatura, trazendo um marido bem mais velho tentando agradar uma esposa bastante jovem. A crítica de costumes se traduzia não só na questão da perfídia, mas também na censura à diferença de idade, considerada demasiada entre os consortes. Na legenda, a esposa perguntava: "Meu nenê vamos hoje ao baile?"; e o marido respondia: "Não, minha queridinha, faz tanto calor. Eu tenho tanto calor." Diante disso, a jovem esposa tecia um áspero comentário, além

de revelar a traição em pensamento, traduzido na forma de parênteses: “Sim? Pois ao pé de você parece-me estar em perene inverno. (Eu que tinha prometido uma valsa ao Dr. Cruz)”. Perante tal cena, o hebdomadário expressava seu espírito censório com o comentário: “Quem casa com crianças...” (O FÍGARO. Porto Alegre, 9 mar. 1879. A. 1. N. 21. P. 8).



Mantendo o sentido de pejar as mulheres, inter-relacionando tal temática com a questão da idade feminina, o periódico publicava pequenos diálogos, sob o título “O verbo amar” (O FÍGARO. Porto Alegre, 26 jan. 1879. A. 1. N. 17. P. 7):

- Amar é verbo ativo?
- Sim; até aos cinquenta anos; depois dessa idade é um verbo neutro.
- Contudo até aos cinquenta...
- Conjuga-se, depois declina-se.

- Agradeço-lhe o ter-se lembrado de vir com sua mãe.
- Perdão, minha senhora, é minha mulher que tenho a honra de lhe apresentar.

Tratava-se em um roda, em que o sexo frágil estava amplamente representado, da idade de duas senhoras presentes.

- Fale com franqueza, Sr. ***, diz a mais maliciosa, qual destas duas senhoras, lhe parece mais nova?

A apóstrofe era embaraçosa, porém o interpelado furtou-se a ela com a maior felicidade.

- Ambas, parecem-me ambas mais novas.

Os julgamentos quanto à aparência feminina constituíam outro elemento constitutivo da pauta do *Fígaro* ao tratar das mulheres. O tema era abordado em matéria jocosa denominada “Rugas”, a qual definia que “as rugas são a sepultura do amor”, e, em outra frase, sentenciava: “o que mais assusta as mulheres é lembrarem-se que têm de envelhecer; resignavam-se, entretanto, à ideia, se as rugas, em vez de nascerem na fronte, nascessem em outra parte” (O FÍGARO. Porto Alegre, 6 out. 1878. A. 1. N. 1. p. 3). A questão voltava à baila em duas definições jocosas: “Mulher sem atrativos – anzol sem isca/ Mulher sem meiguice – isca sem anzol” (O FÍGARO. Porto Alegre, 27 out. 1878. A. 1. N. 4. p. 3). Tal temática era ainda demonstrada na edificação de cena em que “a Sra. B. deseja retratar-se e chama para isso um retratista. Veio, porém, à presença da Sra. B. um

paisagista". Nesse quadro, "averiguado o caso, disse a Sra. B. com todo o desdém: Então o senhor só pinta paisagens?"; ao que o possível contratado respondia incisivamente: "E ruínas também, minha senhora" (O FÍGARO. Porto Alegre, 24 nov. 1878. A. 1. N. 8. p. 7).

Finalmente, o tom crítico do semanário recaía sobre a propalada fixação feminina pelos modismos. Nessa linha foi publicado um conjunto de caricaturas intitulado "Modas" (O FÍGARO. Porto Alegre, 20 out. 1878. A. 1. N. 3. p. 8). Os dois primeiros desenhos mostravam duas mulheres em apuros por causa de sua vestimenta, no caso, os vestidos largos que, em situações inusitadas, poderiam colocar certas partes de seus corpos à mostra. A primeira cena apresentava uma moça caída, com as pernas para o ar, diante do comentário: "As antigas modas tinham muitos inconvenientes. Por exemplo: cair de uma escada. Horror!". Na segunda, "um minuano indiscreto" empurrava as vestes para cima, expondo uma assustadiça mulher, às vistas de um indivíduo.

O conjunto de desenhos se referia às mudanças da moda, apresentando duas damas com vestidos mais justos nas pernas, mas que, por serem apertados, estariam a deixar mais visíveis o corpo feminino. Diante disso, a folha ilustrada comentava: "As modas modernas são ao contrário. Elegantes, mas desenham as formas provocadoras...". A última gravura mostrava chistosamente outra vantagem da "nova moda", destacando uma moça com aquela vestimenta, só que de cabeça para baixo, apoiada sobre as mãos, em verdadeira acrobacia. O comentário do periódico era mais uma vez jocoso: "Uma Sra. pode entretanto fazer exercícios acrobáticos com toda a facilidade e sem perigo de indecência...".







O artifício utilizado por mulheres para aumentar o volume das nádegas ou dos quadris, foi utilizado pelo hebdomadário na forma de pilhéria, ao destacar a conversa entre duas damas em um baile. A primeira perguntava: “- Não danças Alzira?”; e a outra respondia: “Não posso, estou com os

bolsos cheios de doces”. A tréplica vinha carregada de crítica de costumes: “Pois faz como a mamãe: enrola no lenço e mete debaixo das anquinhas” (O FÍGARO. Porto Alegre, 27 out. 1878. A. 1. N. 4. p. 3). Os modismos ficavam associados às apreciações depreciativas do feminino, na ilustração em que uma viúva encomendava à modista: “Madame quero que me faça um vestido preto, é para ir ao cemitério visitar o túmulo do meu marido. Dizem que o vestuário preto me fica muito bem” (O FÍGARO. Porto Alegre, 3 nov. 1878. A. 1. N. 5. p. 4-5).



Moda e aparência se articulavam na apreciação feita pelo periódico em caricatura intitulada “Reflexão de moça”, que mostrava uma figura feminina, a qual supostamente não estaria de acordo com os padrões de beleza, nem quanto à forma física, nem quanto aos modismos. Diante disso, a folha comentava: “Ora vejam D. Fufia com aquele vestido

tão ridículo e tão fora de moda... Ver o arqueiro no olho do vizinho e não ver a tranca no seu" (O FÍGARO. Porto Alegre, 24 nov. 1878. A. 1. N. 8. p. 4).

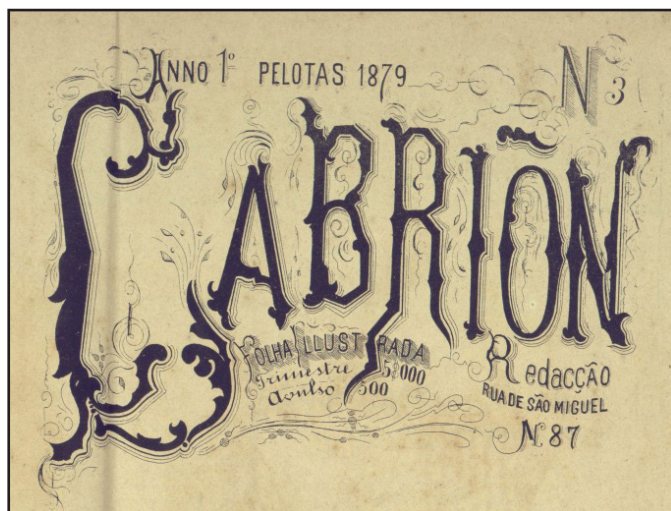


Ainda foram inter-relacionadas questões ligadas ao comportamento, à aparência e à moda, na matéria denominada: “O que a mulher não confessa nunca”, trazendo várias perspectivas que contariam com a plena negação de parte do denominado como sexo frágil (O FÍGARO. Porto Alegre, 16 mar. 1879. A. 1. N. 22. p. 6). Assim *O Fígaro* trouxe em suas páginas espaços especiais destinados à apreciação do feminino.

Que se aperta muito;
Que as botas são mais pequenas que os pés;
Que está fatigada no baile;
Que são suas contemporâneas as mulheres de 30 anos;
Que usa de cabelos postiços;
Que são pintados os seus sobrolhos;
Que leva mais de cinco minutos a vestir-se;
Que enrubesce ouvindo pronunciar o nome de certa pessoa;
Que é incapaz de guardar um segredo;
Que não precisa de um chapéu novo;
Que gosta de agradar;
Que não tem razão.

Cabrion

Publicado na cidade de Pelotas, o *Cabrion* circulou de 1879 a 1881, apresentando-se primeiramente como folha ilustrada de assuntos políticos e sociais, para depois simplificar o dístico, resumindo-o a folha ilustrada e humorística. Eram seus proprietários o desenhista português Eduardo Antônio de Araújo Guerra, que também atuou em Porto Alegre e em São Paulo, e o litógrafo francês Eduardo Chapon. Suas páginas eram impressas na tipografia do *Jornal do Comércio* e na oficina própria de litografia (FERREIRA, 1962, 201-208). Os custos de sua assinatura eram de 16\$000 anuais, 9\$000 semestrais, ou 5\$000 trimestrais, custando 500 réis o seu número avulso.



Seu título repetia o de várias folhas do mesmo gênero espalhadas pelo mundo e fazia referência ao ato de importunar, molestar ou perseguir incessantemente, bem de acordo com suas práticas críticas, ferinas e chistosas. O caráter crítico, censório e jocoso ficava demarcado no programa editado no primeiro número (CABRION. Pelotas, 10 fev. 1879. A. 1. N. 1. p. 2):

No alcazarino banquete da imprensa que firma sua existência na gargalhada – que rebenta franca e expansiva – toma hoje lugar o *Cabrion*.

Seu aparecimento, natural e lógico, mais uma vez realiza o prolóquio francês:

“Lê roi est mort, vive le roi!”

Para que o *Cabrion*, cujos brasões refulgem com o brilho do mais acentuado cavalheirismo, viesse saudar os povos da sultana de São Gonçalo, foi preciso que se afundasse nas sombras de um passado odioso esse inseto – a quem a natureza concedeu a missão de fabricar a doce e medicinal substância que em Portugal se vende em odres, mas que a vingança mesquinha transformou em esponja embebida em fel e veneno.

O *Cabrion* é uma tradição, um tipo que ressurge da história para perseguir no presente a desonestidade, o abuso e a vilania.

Terá sempre um culto para o bem, uma homenagem de justiça para o mérito, e consagrará todos os seus esforços em prol da democracia legítima.

Desprezando a política de campanário, a falsa política que amesquinha caracteres e degrada a opinião, o *Cabrion* será severo apreciador dos atos de todos os partidos e de seus pró-homens.

E rirá o *Cabrion* em face de tudo e de todos, mas rirá sem ferir, sem o motejo dos petulantes, sem o escárnio maligno e estúpido dos comediantes sociais.

Exercerá a crítica nos limites da decência, a crítica que castiga, mas não magoa, diverte, mas não provoca expansões de ódio.

E, nestes termos, o *Cabrion* saúda o respeitável público.

Nas tantas apreciações acerca do feminino, presentes ao longo de suas edições, o *Cabrion* abordou em seus textos e desenhos assuntos diversificados as tratar das temáticas em torno das mulheres, como os namoros, as moças namoradeiras, a ansiedade pelo matrimônio, a idade como fator preponderante nas relações a dois, a solteirice, os alcances e limites do casamento, a terribilidade e a perfídia como marcas registradas da natureza feminina, os esforços pela boa aparência e a presença imperativa da moda.



Os primeiros contatos entre o feminino e o masculino, nos flertes, aproximações e namoros foram temas recorrentes nas páginas do hebdomadário. Uma delas foi traduzida por meio de caricatura na qual um homem ameaçava usar até de meios extremos na conquista de uma mulher. Entre eles travava-se o seguinte diálogo, concluído com a apreciação crítica do periódico (CABRION. Pelotas, 29 jun. 1879. A. 1. N. 21. p. 8):

Ele – Pelo muito que lhe amo, prima, conceda-me uma entrevista...

Ela – Gentes!... Você está louco primo?...

Ele – Nesse caso me suicido!... Vou tomar uma dose de arsênico!...

Ela – Ai não... Concedo-lhe a entrevista... mas cuidado que ninguém saiba.

Cabrion – Oh! A educação moderna! a educação moderna!...



Outra cena romântica mostrava um casal em um rinqe de patinação, trocando juras de amor. O tema era a transição do namoro ao casamento, pois, enquanto ela perguntava: “Patinando com tamanha velocidade até onde iríamos ter?”; ele respondia, “com ternura”: “Às portas do matrimônio...”. A tréplica da moça era: “Gentes! Este seu Zeca tem coisas!...”; ao que o *Cabrion* comentava: “Mas no fim sempre dá certo!... (CABRION. Pelotas, 21 set. 1879. A. 1. N. 33. p. 8).

Um baile servia de cenário para uma série de conversas enamoradas entre vários casais, expressas na forma de versinhos, envolvendo diversas questões em torno dos costumes da época (CABRION. Pelotas, 26 set. 1880. A. 2. N. 86. p. 4-5):



- Ele – Não sabes quanto te adoro,
Minha querida sinhá.
Ela – Pois sim, não vê que eu não sei
Que você vai se casar.
Ele – Ó minha cara mimosa,
Tu me dás um beijo? Um só?
Ela – Não posso, está bem, mas olha!
Que o não perceba a vovó. (...)
Ele – Como são lindo teus olhos,
Minha mimosa Chiquinha.
Ela – Somente tu é que os achas,
Meu lisonjeiro Juquinha.
Ele – Diz-me por que estás tão triste,
Minha bela Carolina.
Ela – Por causa daquelas coisas,
Que você disse à Corina.

Mas o *Cabrimon* abordava também os insucessos ocasionais em se tratando de flertes. Foi o caso de um diálogo, no qual o conquistador se declarava: “Minha senhora, V. Ex. é uma flor”; ao que a moça respondia com rispidez: “Não se pode dizer o mesmo do senhor”, obtendo por réplica uma expressão do mesmo timbre: “Pois neste caso faça como eu: minta!” (CABRION. Pelotas, 21 nov. 1880. A. 2. N. 94. p. 6). A decepção era também o mote do soneto denominado

“Minha noiva” (CABRION. Pelotas, 9 jan. 1881. A. 3. N. 101. p. 6-7):

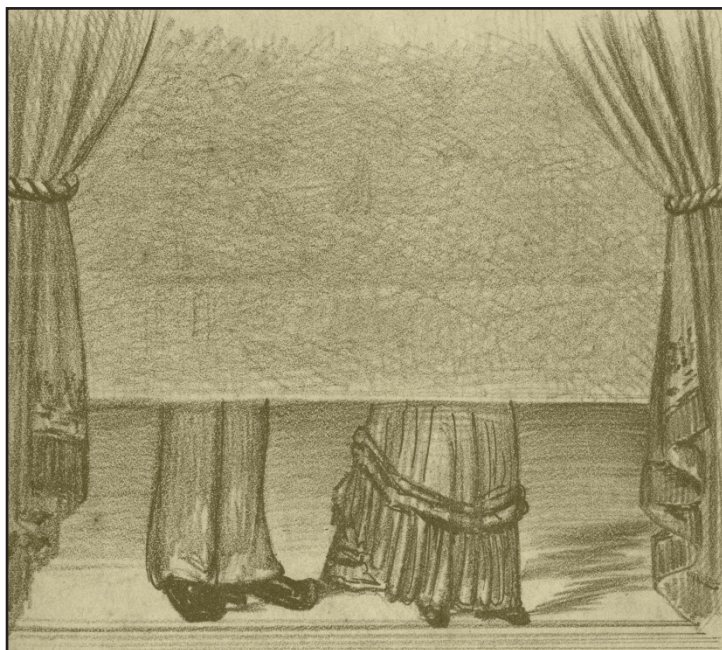
Fui vê-la – era noitinha –
A casa estava escura,
Porém minha futura
Se achava na cozinha.

E vendo-a aí sozinha
Naquela escuridão,
Mesmo junto ao fogão
Roubei-lhe uma *boquinha*...

Mas, ai! logo cuspi...
Nos lábios seus senti
Um asqueroso sumo.

E vejo, oh! grande Deus,
Que, *por pecados meus*,
Ela mascava fumo!

Os encontros entre homens e mulheres também serviam para que a folha realizasse seu papel de censuradora, ao anunciar a denúncia de uma relação ao que tudo indicava ilícita. Tratava-se de um desenho no qual apareciam apenas as pernas e pés de um casal, cujos corpos eram cobertos por uma tarja. O tom do semanário era até mesmo ameaçador, ao declarar: “Num dos próximos números faremos subir o pano e então demonstraremos a diferença que existe da ostra ao camarão” (CABRION. Pelotas, 13 fev. 1881. A. 3. N. 106. p. 1).

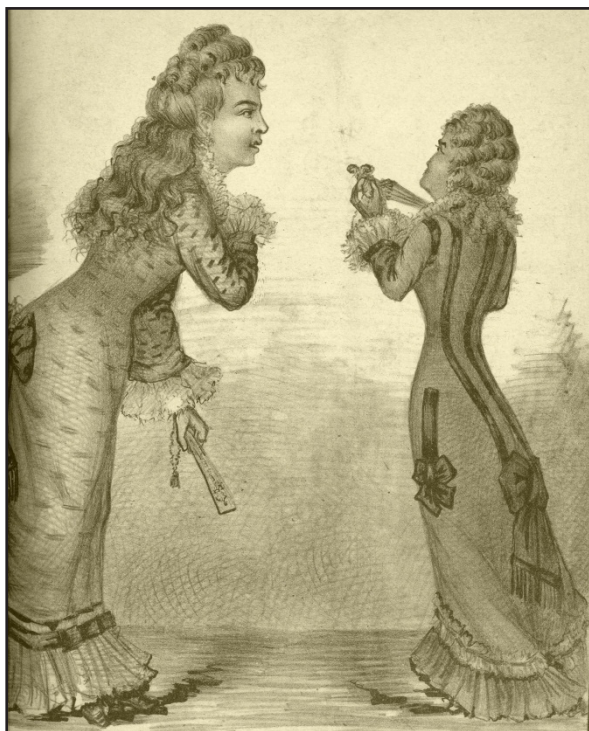


As moças namoradeiras eram outro alvo do comportamento censório do jornal. Foi o caso do anúncio publicado na seção “Alfinetadas”, que, mais uma vez ameaçadoramente, declarava: “Preparai-vos sexo frágil e forte para sofrer as alfinetadas de teu amigo Cosmopolita. E sem mais preâmbulos lá vai obra...”. Após tal preâmbulo, a folha apontava para as moças que ficavam em demasia nos espaços públicos, provavelmente em busca de pretendentes, ao afirmar: “Uma alfinetadinha àquelas meninas que moram na praça da igreja” (CABRION. Pelotas, 9 mar. 1879. A. 1. N. 5. p. 7).

O tema voltava à pauta em seção denominada “Variedades”, a qual expressava que “as namoradeiras são como as coisinhas e bolas com que os pelotiqueiros fazem suas magias: - passam de mão em mão” (CABRION.

Pelotas, 18 maio 1879. A. 1. N. 15. p. 3). Já outra matéria, de nome “Mistifório”, trazia a conversa entre duas moças, perguntando uma delas quantos namorados a outra tinha, obtendo por resposta o número de quatro. Ainda assim, a primeira moça não se mostrou estupefata e, ao contrário, considerou aquele número uma “bagatela”, uma vez que ela tinha “seis, e cinco *supranumerários*” (CABRION. Pelotas, 25 maio 1879. A. 1. N. 16. p. 3).

A mesma seção em caráter de miscelânea, denominada “Mistifório”, apresentava circunstância em que aparecia “uma coquete a querer deitar pudor”, ao afirmar: “Estas dançarinas não têm vergonha nenhuma; mostram as pernas a tanta gente... ao mesmo tempo!” (CABRION. Pelotas, 11 ago. 1879. A. 1. N. 27. p. 6). O semanário caricato abordava o tema também através de ilustração na qual duas moças conversavam, e a primeira descrevia que um baile estivera “esplêndido a mais não desejar!”, principalmente por nele estar presente determinado rapaz cujo nome não era revelado. Elas trajavam-se bem de acordo com os padrões da moda de então e cada uma utilizava dois utensílios recorrentes nas representações iconográficas do feminino de então: o leque e a sombrinha. Diante da descrição, a outra lamentava sua ausência na festa, afirmando que “se soubesse... não faltava” (CABRION. Pelotas, 7 mar. 1880. A. 2. N. 57. p. 5).



Outra incursão ao tema das moças namoradeiras trazia por ambiente um confessionário, no qual o padre questionava: “Mas dize, filha; como foi que caíste?”. De acordo com a resposta daquela que confessava, o termo “cair” era usado nos dois sentidos, no literal e no figurado: “Eu lhe digo, meu padre. Uma noite, eu ia para casa e a escada estava no escuro, e fui eu, em vez de me apoiar ao corrimão, encostei-me sem querer ao braço do vizinho do 2º andar, e fui subindo... subindo... e só dei pelo engano no dia seguinte!” (CABRION. Pelotas, 16 maio 1880. A. 2. N. 67. p. 6-7).

Sob o título de “Casos”, o jornal descrevia uma cena na qual “uma tipa apresenta-se, com o seu melhor fato de

ver a Deus, na igreja, acompanhada do noivo e de toda a parentela". Diante da chegada, o padre encarava a moça por alguns instantes e dizia: "A noiva parece-me ainda muito nova... Deixem cá ver a certidão de batismo". A mãe da moça reagia, perguntando qual a necessidade do documento, ao que o vigário argumentou que serviria para verificar se a noiva estava "em idade de poder casar". A resposta era carregada de ironia: "Essa agora, é nova! Pois se a pequena já teve dois filhos!..." (CABRION. Pelotas, 28 nov. 1880. A. 2. N. 95. p. 3). Ainda acerca do tema, o semanário intentava demonstrar que a mulher namoradeira era uma ocorrência independente da idade, conforme expressou nos versinhos intitulados "Poesias - receituário" (CABRION. Pelotas, 13 fev. 1881. A. 3. N. 106. p. 6):

Menina que aos quinze anos
 Já dos bailes - pelos maganos
 Muito conhecida é.
 E que passeando na praça,
 Dos namorados a caça,
 Todas as noites se vê
 Me inspira pouca fé.

Moça feia e namorada,
 Que anda com a face emplastrada,
 D'alvaiade e vermelhidão. -
 E que se julga formosa,
 Como d'uma branca rosa
 O mais mimoso botão.
 Tome tibia em infusão...

Viúva que sempre enfeitada,
 A passear é encontrada,
 Na Rua de S. Miguel,
 Com certeza, meus leitores,
 Anda a procura de amores,
 Quer nova lua de mel
 Segundo diz a Rachel.

A perspectiva do matrimônio como única alternativa às representantes do sexo feminino também constituía tema nas páginas do hebdomadário. A tendência era mostrar que as mulheres encontravam-se verdadeiramente desesperadas para adentrarem a vida conjugal, como foi o caso de um conjunto caricatural que humoradamente tratava de uma proposta que tramitava no legislativo, no qual o parlamentar Martim Francisco propunha uma pesada multa para os homens que não adquirissem casamento (CABRION. Pelotas, 25 maio 1879. A. 1. N. 16. p. 3).

O primeiro desenho mostrava um homem de braços cruzados, demonstrando certa indignação, ao afirmar: “E esta!... ser obrigado a casar, sob pena de pagar um imposto de 50\$000. Ora o Sr. Martim Francisco!...”. O outro simulava que o parlamentar estaria a assaltar um cidadão: “A bolsa ou a vida. Ou casa ou paga o imposto! Ora o Sr. Martim Francisco!...”.



Na continuidade do conjunto de ilustrações, aparecia uma mulher se embelezando em frente ao espelho, demonstrando gratidão para com o parlamentar casamenteiro, ao afirmar: “Agora sim caso-me com toda a certeza!... É um grande homem este Sr. Martim Francisco!”. A próxima gravura mostrava um indivíduo se declarando para uma mulher, pedindo-a em casamento. A legenda

revelava, entretanto, que não havia naturalidade no pedido, o qual seria movido apenas pela força da provável lei: “Minha senhora, eu amo-a... adora-a e só unido a V. Exa. pelos laços do himeneu poderei ser feliz (a parte:) Ora o Sr. Martim Francisco”. Já as duas últimas cenas traziam um grupo de mulheres reunidas em assembleia visando a homenagear o parlamentar, afirmando: “Minhas senhoras – é mister darmos ao grande salvador da pátria uma prova da nossa gratidão, proponho, etc.”; o que ocorreria logo em seguida, com as várias representantes do sexo feminino saudando, em fanfarra, entregando uma coroa de louros ao proponente da legislação, seguida do comentário “E o resultado do grande conciliábulo feminino foi uma ovação *comme il faut*”.







O tema da tal lei casamenteira voltaria à abordagem caricatural do *Cabrion*, ao mostrar que a mesma não fora aprovada, para júbilo masculino e decepção feminina. Nesse sentido, apareciam dois homens conversando, afirmando o primeiro: “Com que, não foi aprovado o projeto do Martim Francisco?”; e o outro respondendo: “Felizmente para nós. Poderemos escolher mais à vontade”; voltando a palavra para aquele: “E sem temer o imposto. – Estamos de parabéns, meu caro!”. O mesmo desenho mostrava duas moças, entristecidas, que também dialogavam, dizendo uma delas: “Levamos codilho, minha querida! As câmaras rejeitaram o sublime projeto que nos ia salvar do celibato! Paciência, empregarei meu tempo cuidando os sobrinhos. E eu criando pintos!...”; e a outra limitava-se a lamentar: “Que sina!!...” (CABRION. Pelotas, 1º jun. 1879. A. 1. N. 17. p. 8).



Tal questão do casamento como mola propulsora da vida feminina foi também associada à perspectiva da idade das mulheres. O jornal retomava o tema de que, enquanto mais envelheciam, menores as esperanças femininas de adquirir matrimônio. Tal apreciação aparecia em uma série de frases publicadas em seção de “Variedades”, segundo as quais, “o coração de uma menina de dez anos é um caderno em branco”; já “o de uma moça de vinte anos é um livro regularmente escrito”; ao passo que “o de uma mulher de trinta anos é um livro em que, por falta de espaço, começa-se a escrever nas entrelinhas”. A descrição comparativa continuava com as premissas de que o coração “de uma velha de quarenta anos é um livro desfolhado, que só serve para embrulho”; e “o de uma velha de cinquenta ou mais anos é um documento histórico” (CABRION. Pelotas, 11 maio 1879. A. 1. N. 14. p. 2-3).

Segundo essa mesma orientação, o periódico publicava a matéria “Como as moças escolhem noivos” (CABRION. Pelotas, 26 dez. 1880. A. 2. N. 99. p. 3):

Aos quinze anos, vêm se está bem penteado e se tem muitos pares de calças.

Aos dezoito, querem um moço alegre, divertido, e que saiba dançar.

Aos vinte, perguntam se é formado e querem-no inteligente.

Aos vinte e três, perguntam se tem meios de vida e quais são eles.

Aos vinte e cinco, querem um homem grave e sério.

Aos vinte e seis, fecham os olhos e o que não fugir está *fiado*.

Dos vinte e sete em diante, desesperam, sofrem de enxaqueca constante, emagrecem, e como já não podem arranjar-se, procuram desmanchar os casamentos das outras.

Daí até aos trinta e cinco são venenosas como as víboras. Aos trinta e seis estoura-lhes o fel, morrem de icterícia.

Mas... a sombra de um homem vale mais que cem mulheres.

Essa espécie de desespero que era atribuído à mulher que não conseguia casar ficou expressa também na forma de versos estampados em macarrônico espanhol, e cujo título já era sugestivo por si só – “Lamentos de uma solteirona” (CABRION. Pelotas, 18 jan. 1880. A. 1. N. 50. p. 6-7):

Misera de mi, cuitada!
Que sin nacer monja
No hay um alma extraviada
Que me diga uma lisoja!

Pobre flor que em el estio
No hay agua que me refresque!
Pobre monjarra em el rio
Sin pescador que me pesque!

Yo sou el triste ejemplar
De aquel infeliz barbeiro,

Que se echaba sin censar,
Y se alzaba sin dinero!

Si; que á pesar de mi encanto,
Y de mi talle pulido,
Sin amante me levanto
Y me acuesto... sin marido!

Y mis años uno á uno
Transcurrem em penitencia,
Por la cuaresma en *ayuno*,
Y por pascua em *abstineica*.

Em vano para encobrir
De mi cuerpo los achaques,
Y para mejor lucir
Me pongo... tres miriñaques!

Si concurro á um bailecito
Em vano me dan antojos
De bailar um valesito,
Lo bailar, sólo mis ojos!

Nadie se acuerda de mi
Y em fuerza de muchos dengues,
Al que mas le mereci
Le mereci dos merengues!

Oh, soy muy torpe mujer!
Y a mis treinta es un oprobio
No haber podido saber
Conquistar siquiera um novio!

Oh! no puedo sufrir mas!
Y he de morir sin casarme?
Yo com la palma?... jamás,
Primero que eso... matarme!

Uma vez atingido o intento do matrimônio, vinham os desgastes da vida a dois, e uma verdadeira decomposição da estrutura conjugal, fatores também apontados pelo *Cabrion*. O caráter de inevitabilidade do casório para as mulheres continuava presente na abordagem, como no caso da quadrinha que dizia: “Quando o reto enjeita coco/ E a moça casamento;/ Ou o coco tem pimenta/Ou o moço impedimento (CABRION. Pelotas, 9 mar. 1879. A. 1. N. 5. p. 7). Em sentido próximo, mas valendo para ambos os sexos, foram editadas frases sobre a vida conjugal, entre elas aparecia a definição de que “o casamento é um leilão, que tem lugar – quer chova quer não – e em que se compra no estado em que se acha”; e outra, segundo a qual “o estado matrimonial seria o paraíso na terra se não houvesse sogras” (CABRION. Pelotas, 11 maio 1879. A. 1. N. 14. p. 2-3).

Um suposto mal-estar da vida de casado, somado às dificuldades da coexistência em família ficavam demarcados em breve historieta publicada na seção “Mistifório” (CABRION. Pelotas, 8 jun. 1879. A. 1. N. 18. p. 7):

Um sujeito casado com uma mulher levadinha da breca, com filhos malcriados, com sobrinhos vagabundos, cunhados malandros, tios beberões e de mais, com sogra; sai de casa espavorido, depois de uma das habituais cenas de família e esbarra com um mendigo:

- Uma esmola ao pobre cego!
- Coitado!...
- Há quatro dias que não como!
- Horrível!... (vai dar-lhe um níquel).
- Só no mundo, sem família!...
- Ah! você não tem família? e ainda se atreve a amolar a gente?! Deus o favoreça, amigo; mais desgraçado sou eu!

O olhar negativo para com o casamento e a esposa aparecia ainda na seção “Epigrama”, com quadrinha que dizia: “O homem é mosca voando,/ Libando o amor com

prazer;/ O matrimônio é uma teia.../ E a aranha – é a mulher” (CABRION. Pelotas, 24 jul. 1879. A. 1. N. 24. p. 7). Também na forma de versinhos, era mostrada uma conversa entre duas amigas, sob o título de “Controvérsias”, traçando um paralelo entre a vida de solteira e a de casada (CABRION. Pelotas, 11 ago. 1879. A. 1. N. 27. p. 6):

Certa menina brejeira
Disse a uma sua amiga
- Eu ficar sempre solteira!
Deus me livre! forte espiga!

- Tolinha, responde a outra,
Eu que casei-me que o diga:
É melhor ser-se solteira;
Quem casa é que toma espiga.

O recurso aos versos era retomado ao tratar de uma circunstância recorrente nos jornais caricatos, ao retratar um viúvo que não lamentava o fim da vida de casado. Assim, sob o título de “Viúvo às direitas” aparecia (CABRION. Pelotas, 28 dez. 1879. A. 1. N. 47. p. 6):

Num cemitério um viúvo,
Soluçava a fazer dó:
- Aquela que eu tanto amava,
Dizia, ei-la aí em pó.

Nisto passa um sacerdote
Que a consolá-lo correu,
E desta forma começa:
- Sua espoa não morreu...

- Que dizes, padre, que dizes?
Brada o mísero a tremer.
- Está no céu... – Ora graças!
Pensei tê-la inda de ver.

Até mesmo a violência contra a mulher, no seio das relações matrimoniais, se fez presente nas páginas do *Cabrion*. Com o título “Variações”, foi publicada a estória de “certo sujeito” que, “no dia em que tinha de ir confessar-se, dava sempre muita pancada na mulher”. Diante disso, foi perguntada a ele “a causa de tal procedimento”, ao que ele respondeu: “É para me livrar de fazer exame de consciência; porque, quando lhe bato, ela vai buscar quantas maldades eu tenho feito há muitos anos, e assim me confesse sem escrúpulo de esquecer pecado algum” (CABRION. Pelotas, 25 jan. 1880. A. 1. N. 51. p. 7).

O desgaste do casamento, observado pelo prisma masculino, era apresentado na forma de conversa entre dois amigos. Um deles, definido como “um pobre diabo”, dizia: “Quando me casei, amava tanto minha mulher que o meu desejo era devorá-la com os olhos”. Perante tal afirmação, “perguntou o outro com extrema placidez”, como a relação estava naquele momento, obtendo por resposta: “Agora... sinto do fundo d’alma não a ter devorado... com os dentes!” (CABRION. Pelotas, 18 jan. 1880. A. 1. N. 50. p. 6).

A precariedade da vida conjugal era retratada em outra circunstância, na qual “tinha certo meirinho por mulher a uma destas *de cabelinho na venta e nariz torcido*”. Nesse quadro, “tendo um dia o seu juiz de sentenciar a um salteador, e parecendo-lhe pouco a pena de morte, perguntou ao meirinho: Não acharíamos pena ainda mais áspera?”. Sem titubear, “respondeu o mártir: Só *casando-o*” (CABRION. Pelotas, 16 maio 1880. A. 2. N. 67. p. 6-7). A situação era semelhante, na referência “a um marido, cuja mulher se achava doente, o surpreendera escrevendo os convites para o enterro”. Perante tal condição foi-lhe perguntado se a esposa morrera e, com a resposta negativa houve a estranheza do interlocutor, ao que o marido esclareceu: “Não, ao contrário, está um pouco melhor; porém, você sabe, que, quando se faz estas coisas à última hora, não saem boas” (CABRION. Pelotas, 23 maio 1880. A. 2. N. 68. p. 6-7).

As relações matrimoniais desgastadas também apareciam em cena passada “na secretaria de polícia”, onde o subdelegado perguntava: “Mas a Sra. não me dirá por que motivo despejou uma bacia de águas servidas na cabeça daquele senhor?”. A resposta era “Ah! Sr. subdelegado, é que eu pensava que ele era o meu marido”, a qual acabava por gerar “gargalhadas dos repórteres” (CABRION. Pelotas, 14 nov. 1880. A. 2. N. 93. p. 6-7). A derrocada conjugal era mostrada também por meio de caricatura que descrevia a vida a dois, desde a escolha da esposa até a corrosão plena do casamento, com o casal chegando à violência entre si, transformando a coexistência matrimonial em um ato quase impossível. Em conclusão o casório era comparado, com a liberdade da rima, a um demônio (CABRION. Pelotas, 12 dez. 1880. A. 2. N. 97. p. 4-5):

Ora viva, vou casar-me; já ando aborrecido com esta vida de solteiro e mesmo já me falta meios para viver.

Mãos à obra, principiemos o namoro; e com quem há de ser? É té... té... té... todas estas são bonitas.

Até que afinal,... jovem que é ...

Um conselho. Sabes de uma coisa meu amigo, pretendo casar-me e na rua... mora a predileta, não sei se a conhecesses.



Conheço sim, meu tolo; ela é que não te conhece, do contrário nem de ti se lembrava.

Olha? Vocês principiam como dois anjinhos, isso lá é verdade.

Mas três meses depois de casado, principia a tua mulher desconfiando do teu procedimento, visto seres um marido laborioso, etc, etc.

Passa-se ainda uns meses e na ... chegada a fatal hora, de quebrares andam ainda em resoluções, pega-se uma panela lá pela cozinha, em ... com a criada, briga certa.

E deves ter certeza que és derrotado, não há razões que te facultem direito.

Estas cenas repetidas quatro vezes por mês, não há dinheiro que as pague.

Desgostas-te a ponto de não comeres nem beberes e é essa uma vida atormentada.

Quando ela não te fizer o seguinte: dar ... por feliz.

Imagina que és para tua mulher o presente objetivo.

Isto de dizerem que se dão como dois anjos, só desta maneira representados.

E tu bobete, casa-te finalmente, que precisas de tudo isto.

O tema era abordado em seção denominada “Casos”, que apresentava uma série de sentenças. Uma delas destacava a frase de “uma má língua” que dizia: “a mulher é uma propriedade da qual nem sempre o senhorio tem o usufruto”. Outra referência era ao casamento por interesse, destacando “um tipo” que iria casar-se, surgindo o comentário de que “o dote da noiva é a principal base daquele casamento...”, e mesmo que ele falasse “em amor”, prevalecia o comentário: “Ora... tolices! O amor é sempre um pretexto”. Finalmente, o matrimônio era definido como “um aborrecimento para dois” (CABRION. Pelotas, 26 dez. 1880. A. 2. N. 99. p. 6). Ainda quanto ao assunto, o jornal publicava uma verdadeira lamentação perante a vida a dois: “Ah! que se nós não estivéssemos presos pelos enferrujados elos do matrimônio...” (CABRION. Pelotas, 19 jun. 1881. A.

3. N. 125. p. 6-7).

A mulher retratada como um ser terrível era outro mote presente nas abordagens do *Cabrion*. Em “Um conto a vapor”, o jornal narrava a estória de um noivo que fora abandonado no altar pela noiva. Em conclusão, o periódico trazia uma citação atribuída a Molière, segundo a qual “A maior ambição das mulheres é inspirar amor e vê-se que não são tão insensíveis, que não aplaudam no coração as conquistas que fazem com os olhos”. Perante tal afirmação, a folha declarava que “isso traduzido em bom português quer dizer: A mulher não sabe amar e quando finge só busca satisfazer sua vaidade” (CABRION. Pelotas, 11 maio 1879. A. 1. N. 14. p. 2-3).

Quanto ao tema, na sessão “Mistifório” aparecia a afirmação: “quem disse que todas as mulheres são iguais mentiu”, pois “entre duas mulheres há um abismo” (CABRION. Pelotas, 15 jun. 1879. A. 1. N. 19. p. 7). Em outro texto denominado “As mulheres” havia uma série de condições em relação as quais se tinha expectativa quanto ao feminino, mas todas as frases acabavam por derivar em uma situação em oposição àquela pretendida (CABRION. Pelotas, 18 jan. 1880. A. 1. N. 50. p. 6):

Concordo que as mulheres são admiráveis desde a cabeça até os pés; que têm qualidades muitas vezes superiores às dos homens; contudo, a mulher deve ser como o sol, porque aquece e dá vida; mas não deve ser como o sol, porque se notam nele milhares de manchas.

Devem ser como as obreias que servem para fechar um segredo; porém não devem ser como as obreias que andam na língua de todo o mundo.

Devem ser como a harpa, que é o símbolo da harmonia; mas não devem ser como a harpa, que desafina a cada momento.

Devem ser como o vidro que não encobre; mas não devem ser como este, que ao mais leve toque se parte e fica inútil.

Devem parecer-se com o vinho, porque é todo espírito; porém não devem parecer com o vinho que tira o juízo do homem.

Devem ser como o caracol, em estar sempre em sua casa; mas não deve ser como o caracol que traz tudo quanto tem às costas.

Devem ser como a lua, porque nunca deixa de acompanhar a terra; mas não devem ser como a lua que faz diversas caras.

Devem ser como o eco, que não fala senão quando se lhe interroga; mas não devem ser como o eco que tem sempre a última resposta.

Devem ser como o relógio da matriz, que regula bem; porém não devem ser como o relógio em falar tão alto que toda a cidade a ouça.

Devem ser como um almanaque, que diverte e entretém; mas não devem não devem ser como o almanaque que só serve para um ano.

Devem ser como uma pomba, que é o símbolo da bondade; mas não devem ser como a pomba, porque voa. Devem ser como um espelho, porque nele a gente se vê; mas não devem ser como este que com facilidade embaça-se.

Em um jogo de sentenças alocadas sob a epígrafe “Qual é a coisa mais difícil”, apareciam duas relacionadas com o feminino. A primeira demarcava que uma delas seria “conseguir que uma mulher esteja calada dez minutos contados ao relógio”. A segunda, que “as mulheres entre si indicarem a mais formosa” (CABRION. Pelotas, 8 fev. 1880. A. 2. N. 53. p. 7). A temática da terribilidade feminina voltava à baila na cena em que “uma velha muito palradora perguntou a um médico, porque lhe teria caído tão depressa os dentes”, ao que “o facultativo” respondia “foi por dar muito com a língua neles” (CABRION. Pelotas, 16 maio 1880. A. 2. N. 67. p. 6-7).

A visão dicotômica quanto a um feminino angelical ou endiabrado aparecia na afirmação: “A paixão pelas mulheres há de conduzir-me ao inferno... Com escala pelo paraíso”

(CABRION. Pelotas, 26 dez. 1880. A. 2. N. 99. p. 6). Em linha próxima, na seção “Casos” surgiam três incursões ao tema. A primeira destacava “a mulher só tem a certeza de possuir um coração, quando este já não lhe pertence”. A segunda dizia que “a mulher que se deixa é como um charuto apagado, não se deve retomar aquela nem reacender este”. E a última trazia um diálogo no qual um interlocutor apontava para uma moça que passava, considerando-a uma “beleza”, ao que o outro perguntava qual era a “história” dela; obtendo por resposta que ela era “muito espevitada”, aparecendo a conclusão de que aquelas eram “as que acendem melhor” (CABRION. Pelotas, 1º maio 1881. A. 3. N. 118. p. 6-7).

Como era comum à imprensa caricata de então, um dos tópicos mais abordados na caracterização pejorativa do feminino era a perfídia. Com jocosidade, o periódico trazia na seção “Mistifório” uma cena de traição, de certo modo consentida pelo esposo. Teria se passado “em um teatro não há muito tempo” e nela “o marido surpreende a esposa a beijar o primo em um canto do camarote”, vindo a exclamar: “Oh! senhora! que imprudência! Se passasse outro que não eu!” (CABRION. Pelotas, 15 jun. 1879. A. 1. N. 19. p. 7). A incidência dava-se também de forma ilustrada, mostrando um casal, em que o marido era bem mais velho que a esposa. Ele a convidava para patinar num rink, mas ela respondia negativamente: “Não maridinho, vamos antes ao do Cincinato, porque prometi lá dançar uma quadrilha com o Juca”. Diante da resposta ele pensava e dizia: “Sempre o tal Juca!... (à parte) Enfim, vamos lá... (alto). Frente a tal circunstância, o *Cabrion* concluía: “Quem é velho e casa com moça nova sofre sempre das canelas” (CABRION. Pelotas, 24 jul. 1879. A. 1. N. 24. p. 1).



Uma conversa rápida na sessão “Mistifório” também se referia à traição. Na mesma, um dos interlocutores declarava: “Já sabes? A sujeitinha fugiu com o tipo!”, ao que o outro perguntava como teria ficado o marido, diante daquela situação, voltando o primeiro a fazer uso da palavra: “O marido... esse ficou; querias que também fugisse?” (CABRION. Pelotas, 11 ago. 1879. A. 1. N. 27. p. 6). O tom jocoso na abordagem da perfídia foi utilizado ainda na sessão “Variações”, a qual trazia um diálogo entre “o marido e o sedutor”. O primeiro afirmava: “Então o Sr. roubou-me minha mulher? Pois bem, a minha vingança é esta: fique com ela!”; diante disso “o sedutor, abaixando a cabeça”, limitava-se a responder: “É justo, mas severo...”. Mas o esposo ainda arrematava com firmeza: “dou-lhe ainda de quebra minha sogra” (CABRION. Pelotas, 28 dez. 1879. A. 1. N. 47. p. 7).

Em “Casos”, o jornal descrevia a vida de “um sujeito casado com uma tipa que se chamava Felicidade”, o qual “teve o desgosto de vê-la bater a linda plumagem com um seu amigo, o Sr. Machado”. Já “no dia seguinte ao desta desgraça”, o marido “encontrou um outro infeliz que vivia a jogar e a perder na loteria”, derivando-se daí o diálogo: “Ah! que número meu amigo! Com este a minha felicidade

foi-se!"; a resposta foi sucinta: "E a minha com o Machado!". Na mesma seção era apresentado "um vendeiro, casado com uma bruxa muito feia", o qual encontrava "um dia o caixeiro a beijá-la" e, sem demora exclamava: "Pois o Sr. atreve-se a beijar minha mulher... sem ser por obrigação? (CABRION. Pelotas, 23 maio 1880. A. 2. N. 68. p. 6-7).

Mesmo que a traição não passasse sequer de um resquício de suspeita, ela se fazia presente nas páginas do hebdomadário, como foi o caso da historieta segundo a qual "um comerciante abastado tem de ir para a campanha tratar de negócios e deixa em companhia de sua esposa uma senhora extremamente honesta e escrupulosa". Passados dois dias e ambas travavam um diálogo, dizendo a esposa: "Sabe, estou hoje cansada; sinto uma certa fraqueza..."; ao que a "escrupulosa" questionava preocupada: "Por quem?...". (CABRION. Pelotas, 26 set. 1880. A. 2. N. 86. p. 6). A traição era também retratada pelo periódico como uma ação de parte a parte entre os cônjuges (CABRION. Pelotas, 14 nov. 1880. A. 2. N. 93. p. 6-7):

X diz à mulher que vai passar o dia fora, na caça.

Sai e vai à casa da *china* que o recebe admirada:

- Então, como é isto? Tua mulher deixou-te sair a estas horas?

Ele rindo:

- Eu enganei-a: disse que ia à caça.

À mesma hora, Z vai à casa de X.

Recebe-o a mulher deste; o outro admirado:

- Então, como é isto? Tu podes receber-me a esta hora? E teu marido?

Ela rindo:

- Não te incomodes; ele disse que ia à caça.

Chama-se a isto – *vice-versa*.

No mesmo sentido, aparecia no jornal uma definição de fidelidade, conceituada como "a virtude que gostamos de encontrar em nossa mulher, e que nos desola quando a

encontramos... na mulher do próximo” (CABRION. Pelotas, 21 nov. 1880. A. 2. N. 94. p. 6). Outra historieta, passada em meio militar, também retratava a perfídia (CABRION. Pelotas, 21 nov. 1880. A. 2. N. 94. p. 6):

Um soldado casa com uma rapariga, que era quem fazia o serviço na casa do seu coronel. Três meses depois a mulher dá à luz um guapo rapagão. O soldado, encafifado em extremo, vai queixar-se ao coronel e faz-lhe ver que sua esposa nem sequer esperou pelos nove meses de praxe.

Atalha o coronel:

- Mas tu não tens razão. Há quanto tempo estás casado com a tua mulher?

- Há três meses.

- Há quantos meses está tua mulher casada contigo?

- Há três.

- Há quanto estão vocês casados um com o outro?

- Há três.

- Pois então, três e três, seis e três, nove? O tempo da praxe. Não estás satisfeito?

Mesmo não declarada, a traição ficava expressa na sugestão, como foi o caso da cena na qual vinha “no bonde uma senhora, um menino e a criada; ia no banco da frente um rapaz todo *gantê*”. Ela pedia à criança para que não dormisse, para que não ficasse só com a criada, ao que o menino reagia, dizendo que aquilo não viria a ocorrer, pois ela poderia ficar com o “moço que de noite vai conversar com a mamãe na janela!” (CABRION. Pelotas, 28 nov. 1880. A. 2. N. 95. p. 3). Já em um diálogo, um indivíduo considerava “esquisito” que os três filhos de uma senhora não se parecessem entre si, sendo-lhe esclarecido que aquilo seria “natural”, pois o mais velho era filho do primeiro marido e o outro do segundo. Inevitavelmente vinha a pergunta quanto à origem do terceiro filho, e a resposta era lacônica: “Procede-se a averiguações”. Em outra cena, um homem via seu amigo “quase a chegar a vias de fato com a mulher”. Diante disso o

marido preparava-se para atacar “o insultador da sua cara-metade”, mas ela lhe interrompe, exclamando: “Não mates o pai de teus filhos, desgraçado...” (CABRION. Pelotas, 22 maio 1881. A. 3. N. 121. p. 7).

A questão da boa aparência, tão presente nas abordagens da caricatura, era outro elemento atribuído ao feminino nas apreciações do *Cabrimon*. Por um lado, o próprio semanário manifestava esse tipo de exigência, como ao dizer que “o nariz grande e vermelho de uma mulher é um ferro em brasa que afugenta os melhores desejos do homem” (CABRION. Pelotas, 18 maio 1879. A. 1. N. 15. p. 3). Esse aspecto da exterioridade era também realçado pelo jornal ao realizar, sob o título de “Atributos feminis”, um jogo de palavras, utilizando-se de nomes de mulheres (CABRION. Pelotas, 22 ago. 1880. A. 2. N. 81. p. 6):

Qual é a mulher mais cruel: - D. Bárbara.

A mais pura? - D. Virgínia.

A mais ingênua? - D. Cândida.

A mais sossegada? - D. Plácida.

A mais cordata? - D. Prudência.

A mais alva? - D. Branca.

A mais alta? - D. Máxima.

A mais cheirosa? - D. Rosa.

A mais compassiva? - D. Clemência.

A mais afortunada: - D. Felicidade.

A mais prudente? - D. Pacífica.

A que mais espera? - D. Esperança.

A que mais triunfa? - D. Vitória.

A que dura sempre? - D. Perpétua.

A aparência aparecia mesclada com a moda, em matéria que jogava com as palavras e sentenciava que “a coisa de que as moças gostam mais é de andar *apertadas*”, uma vez que “*apertam* o laço do cabelo, o cós das saias, os colchetes, o corpo do vestido”, e “as ligas das meias”; além de gostar “do sapato *apertado*” e “*apertando*” também “os cordéis dos

pretendentes”, *apertando-lhes a mão e sentem no coração o aperto das saudades*” (CABRION. Pelotas, 18 maio 1879. A. 1. N. 15. p. 3). Tais interfaces entre a exterioridade e o modismo também se faziam presentes na matéria intitulada “O que a mulher não confessa nunca”, publicada anteriormente pelo porto-alegrense *Fígaro*, conforme exposto no capítulo anterior (CABRION. Pelotas, 11 ago. 1879. A. 1. N. 27. p. 6). A moda ainda demarcava seu espaço em desenho que mostrava a conversa de duas moças, apreciando reciprocamente suas vestimentas, travando o seguinte diálogo: “Como lhe fica bem a cartolinha do Jan-Joca! Ora menina não sabes veio de Paris, compreendo sim, a economia...” (CABRION. Pelotas, 29 fev. 1880. A. 2. N. 56. p. 4).



Finalmente a moda era apresentada em cena na qual um homem admirava um manequim. Toda a inspiração era calcada na influência francesa na expressão dos modismos, tanto que o desenho denominava-se “A la grande duchesse” e a legenda era representada pela fala do indivíduo: “Não resta dúvida que está elegante o penteado. Foi Mr. Merceron, quem se deu a tal cuidado” (CABRION. Pelotas, 24 out. 1880. A. 2. N. 90. p. 4). Dessa maneira o *Cabrimon* trouxe em suas matérias textuais e iconográficas, vários retratos do feminino daquela segunda metade do século XIX.



A Ventarola

Na cidade de Pelotas também circulou outra folha ilustrada de nome *A Ventarola*, editada entre 1887 e 1890, propriedade do francês Eduardo Chapon, contando também com o trabalho de Alamo, Tob e Guilherme Stoffel, como desenhistas. Sua assinatura anual custava 16\$000 e a semestral, 9\$000, sendo 500 réis o preço do número avulso. Foi impressa na tipografia de *A Pátria* e, posteriormente, do *Excelsior*, já a parte ilustrada era elaborada na Litografia Parisiense. Em termos políticos, expressou ampla simpatia pela forma republicana, trazendo em suas páginas várias incursões a temas antimonárquicos (FERREIRA, 1962, 209-220).



Em seu cabeçalho, apresentava-se como “folha ilustrada e humorística” e mostrava em primeiro plano o próprio objeto da ventarola, além de várias alegorias alusivas ao humor, inclusive o bobo da corte, que além do crayon, também portava o leque sem varetas que dava título ao periódico. Seu programa foi expresso por meio de versos e deixava evidenciada sua tendência crítica, humorada e incisiva (A VENTAROLA. Pelotas, 10 abr. 1887. A. 1. N. 1. p. 2):

Catita e perfumada,
Como a rola, que da moita emerge
E voa acalorada,
Em busca do amante amofinado
De saudade: eis surgindo
Do nada, faceira – a Ventarola;
Não em busca do amante,
Mas, sim, de leitores que, calor sentindo,
No corpo transpirante,
A que o fresco venha, a vão brandindo,
Sem perda de um instante.

Agora tu, Calíope, me ensina
Fremente estilo agudo e terso,
Para que trocando o antigo uso,
Sonante programa eu faça verso.

Em verso gago, trôpego ou moído
Que arranhe ouvido e mente fira,
E que a arte ponha em pandareco,
Fá-los hoje por aí qualquer marreco
De serrote, martelo, e não lira.

Que em derredor lhe cavam os poetas,
Delira a Musa, contemplando o vão;
Mas, poetas, do delírio aproveitando
De *per... versos* nos impingem indigestão.

Mais uma apanharás, meu bom leitor,
Como se foras pérfido inimigo
Porque não? De Calumba frascos florescem
Com que te cures do mal; eu te predigo

Em matéria entremos sem tardança.

Da imprensa, no concerto bi-flamante,
Garrida, se apresenta a *Ventarola*,
Que, sem a apolínea maestria,
Com que a lira tanja ou flauta sopra
Se contenta telintanda a castanhola.

- "O que quer?"
Pergunta daqui finório,
Profundo conhecedor de bacalhau,
Ensinar na imprensa essa menina
E como, em época tão mofina,
Em que vive o soco e rola o pau
O bedelho vem meter, na vida alheia
Não temerosa de ficar sem o nariz
Se nariz tem uma menina tão teteia.

Ensinar, bofe, não vem a *Ventarola*.
Mais alto seu destino se levanta.
- Vem rir, pular, folgar, dançar; vem abanar
Formoso rosto, pálido ou barbudo,
Sedoso, sim, ou mesmo encarquilhado.
Galantes, de amor segredos vem contar
De quem segredos de amor houver guardado
- É tão bom, leitora, rir; tão bom folgar!...

Com açúcar seu crayon adocicando;
Em alfinete a pena convertendo,
A *Ventarola* segue este prolóquio
Bom velhinho: *Castigat mores ridendo*

Em palavras quatro e sem tambor
Da *Ventarola*, eis os fins, leitor.
Abana-te com ela e assina-a
Não te faças de rogado; oh! por favor.

NOTE BEM

É expressamente proibido
(À baila trago
A ideia). Ler a *Ventarola*
Sem a ter pago.

As incursões ao feminino realizadas nos segmentos imagéticos e textuais da *Ventarola* versavam sobre abordagens variadas. Entre as temáticas apareciam a construção da imagem da mulher ideal, os alcances e limites das relações enamoradas, os vários elementos constitutivos em torno do casamento, e mesmo excludentes a ele, as tantas adjetivações negativas e pejorativas atribuídas às mulheres e o conjunto de questões envolvendo a aparência, a exterioridade e os modismos, sempre associadas às existências feminis.

O semanário trouxe em suas páginas o enaltecimento à imagem da mulher considerada ideal, vinculada às lides domésticas. A figura angelical ligada à maternidade e ao papel de esposa esteve presente nas abordagens do periódico, como ao afirmar: “A melhor das lições para uma filha – é o exemplo de uma mãe virtuosa” (A VENTAROLA. Pelotas, 1º jul. 1888. A. 2. N. 66. p. 6). Tal caracterização ficava ainda mais firmada no texto “A mulher” (A VENTAROLA. Pelotas, 28 ago. 1887. A. 1. N. 21. p. 3 e 6):

A mulher, como digna companheira do homem, é o anjo do lar, suavizando-lhe a existência.

Para se descrever com as verdadeiras cores as impressões que sentimos na alma por efeito de um só olhar de mulher, – seria preciso ter-se o dom de roubar à natureza suas maravilhas.

Quisera possuir as suaves endechas com que na floresta as avezinhas saúdam o romper da aurora, para com ela compor um hino à mulher!

Mas, ah! nem as pérolas e a espuma do mar, nem as variegadas cores das auroras refletindo nas ondas prateadas que morrem nas areias – valem sequer uma nota argentina da tua voz encantadora, mulher.

Salve! rainha da criação...

Para cantar-te seria preciso que existisse na terra uma orquestra composta de gênios e que esses fossem mais que divinos.

Não seria certamente com as pálidas estrofes de Homero, de Camões, Petrarca e Dante, que se havia de compor uma epopeia para decantar-te.

A natureza é pobre de poesia em seus bosques e prados; o cantar dos passarinhos não tem harmonias; os trovadores não tiram do bandolim notas sonoras, a brisa que suspira nas enredanças do pomar olente, não tem ternura; a cáscara que geme melancolicamente nas tardes de estio, não tem encantos para o triste.

Só tu, senhora do universo, reúnes a sublimidade da natureza!

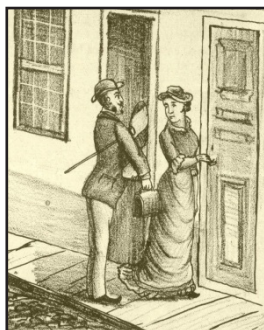
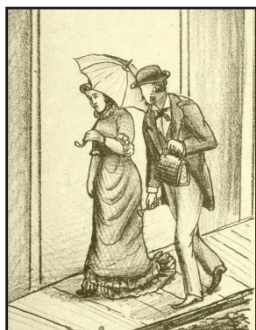
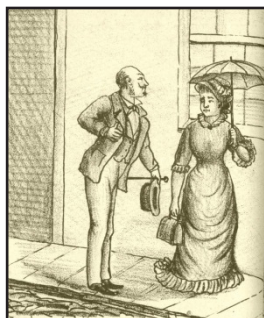
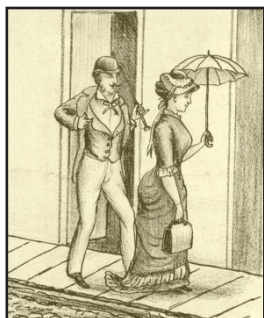
As rosas não têm a formosura da tua face; as violetas não exalam o suave aroma que desprendes dos teus lábios!

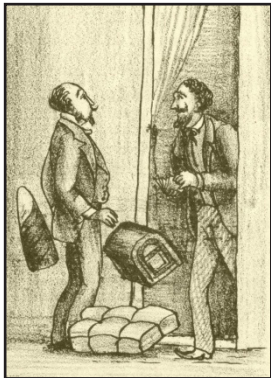
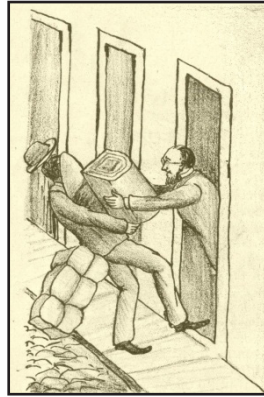
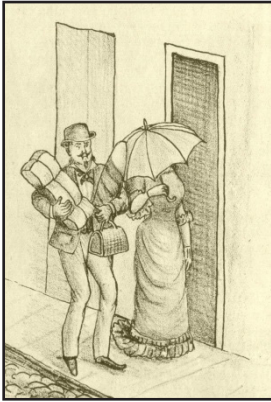
E tu, mulher, ente bendito, tens a grandeza dos mundos e, como a estrela matutina, fulguras eternamente no céu da existência do homem, iluminando-lhe o caminho da glória, fazendo-o herói, poeta, artista e sábio...

Salve... mulher, que sois a Alfa e Ômega do gênero humano.

O feminino foi também destacado pelo jornal na abordagem das relações a dois, como no caso de um recorrente enfoque nas questões em torno dos namoros. Foi o caso de ilustração que trazia uma tentativa de flerte de um homem pra com uma moça que passeava pelas ruas. O conquistador, considerando seu alvo como uma “mulher linda”, passava a buscar a aproximação, propondo-se a levar a sua “bolsinha” e acompanhando-a nas compras,

carregando cada vez mais embrulhos. Apesar do peso dos tantos volumes carregados, o indivíduo esperava obter uma “pequena recompensa” daquele “anjo adorado”. Restou-lhe, entretanto, a decepção, quando, chegando à residência da moça, foi recebido por outro homem, que lhe perguntou o custo do frete. A conquista ficou frustrada e o possível enamorado, indignado (A VENTAROLA. Pelotas, 24 jul. 1887. A. 1. N. 16. p. 4-5).





Em outro desenho, denominado “Idílio a chicote” aparecia mais uma vez o fracasso do conquistador. Nesse caso tratava-se de um rapaz devorado em angústia por causa de uma paixão, até que decidia tomar coragem e buscar a amada que constituía alvo de seu desejo. Mas ele não contava com a resistência da mãe da moça, que baqueou todas as suas intenções (A VENTAROLA. Pelotas, 4 mar. 1888. A. 1. N. 48. p. 8):



O jovem que como se sabe, anda sofrendo de uma paixão *sinistra*, depois de passar três meses entregue a mais *sinistra* melancolia; protestou acabar com aquela *droga*... pedindo uma entrevista à sua querida; *ela*, não à noite, como é de praxe, e sim pleno meio-dia e no jardim.

A respeitável mãe daquela formosa; *ela*, que não tem horas marcadas para visitar o recinto das violetas e das magnólias, foi dar um passeio ao jardim para colher algumas flores, e...

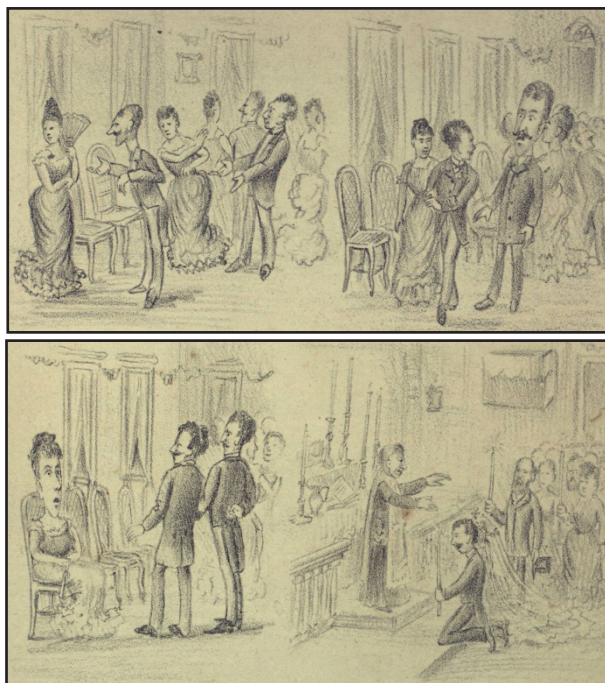
- Não me dirá Seu Maneca, o que pretende com esta menina?...

- Muito pouco, excelentíssima: apenas dar cabo desta melancolia que me está minando a existência.

- Pois fique sabendo que esta doença se cura com este remédio. Tome lá para seu tabaco e deixe-se de fazer de D. João.

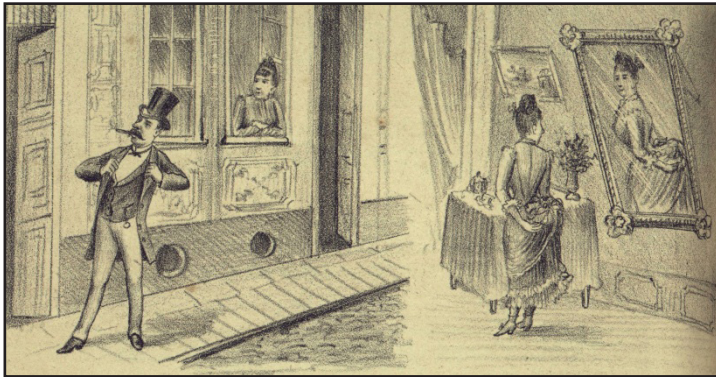
Os bailes apareciam como ótimas oportunidades para os flertes, como o hebdomadário mostrava em historieta ilustrada. Eram retratados vários aspectos como as vestimentas, as danças, as aproximações e os “carões” recebidos pelos indesejados. Tudo era considerado “bom” e “gratificante”, com todos “aqueles arrufos entre namorados”. Mas o jornal ia além, demarcando que tamanha namoração acabaria levando ao matrimônio, explicando que “quase sempre os bailes acabam pela união de um ou mais melros com uma ou mais pombinhas” (A VENTAROLA. Pelotas, 19 ago. 1888. A. 2. N. 73. p. 4-5).

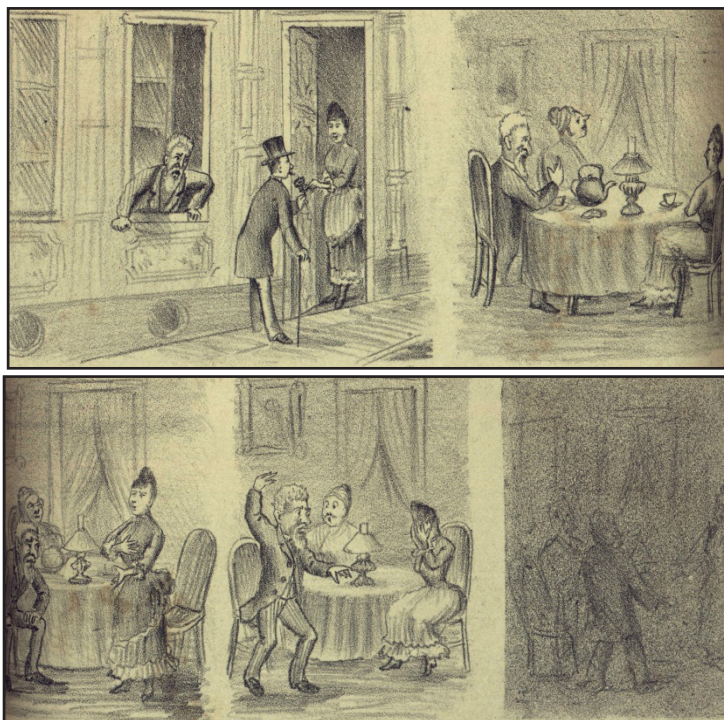




O namoro era o tema de “Cenas caseiras”, outra historieta ilustrada publicada pela *Ventrola*, em seis partes. A narrativa trazia Bibina, “uma moça muito bonita, porém muitíssimo namoradeira”, que “viu um dia passar um moço de bigode, lindo, janota e atirado à *substância*”, que chamava pela alcunha de Cazuzu. Ela ficou “louquinha por ele”, e, desde então, “não se importou mais com o crochê, vivia a enfeitar-se” para ele, desenvolvendo uma “ardente paixão”. Após o primeiro encontro, “os amores progrediram de uma maneira assaz”, como demonstravam ao dançar nos bailes. Mas o pai da moça, Anastácio, não gostou da “vadiação em que vivia Bibina – pôs-se de guarda”. Segundo o conselho paterno, era “preciso tomar juízo”, mas Bibina dizia “amar loucamente” o rapaz, pretendo “unir a ele o seu destino”, pois

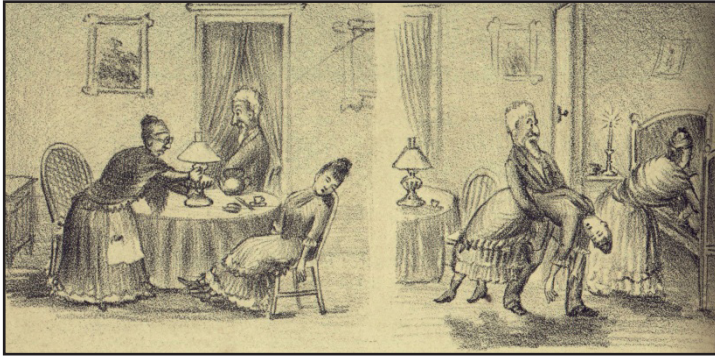
ela gostava “dos moços *chics*”. Mas, revelando a perspectiva do casamento por interesse, “Anastácio, enfurecido, declama filosoficamente e deita opinião sobre o matrimônio entre moça bonita e moço *chic* e pobre”, discursando com tanto “entusiasmo a ponto de dar com a mão no candeeiro e deixar todos às escuras” (A VENTAROLA. Pelotas, 23 set. 1888. A. 2. N. 78. p. 4-5).





Após o apagão, esgotada pela circunstância, Bibina desmaiava e era levada pelos pais ao seu quarto, enquanto Anastácio comentava: “Estas pequenas são sempre assim: quando dão para amar é porque amam mesmo...”. Recobrando os sentidos, a moça mirava-se no espelho e, em pensamento, xingava o pai, chamando-lhe de “velho de uma figa parece que tem demônio nas tripas”, questionando o motivo dele não gostar de Cazuzá. Ela acabava por assistir à conversa entre seu pai que insistia em afirmar que a filha “anda com o diabo nas tripas ou... com o amor no coração...”, ao que a mãe, Margarida, argumentava: “Ao que parece... a pequena tem o tihoso na cabeça – depois que viu o tal Cazuzá... parece que lhe tiraram o juízo...”. Por sua vez,

Anastácio insistia em praguejar o pretendente por tentar “desencaminhar uma menina inocente que ainda não tem o dente do siso!...”. Mas Bibina vinha a participar do diálogo, discutindo acerca de sua vontade, notadamente porque “já lá se foram os tempos da inquisição e não temos mais conventos” (A VENTAROLA. Pelotas, 30 set. 1888. A. 2. N. 79. p. 4-5).

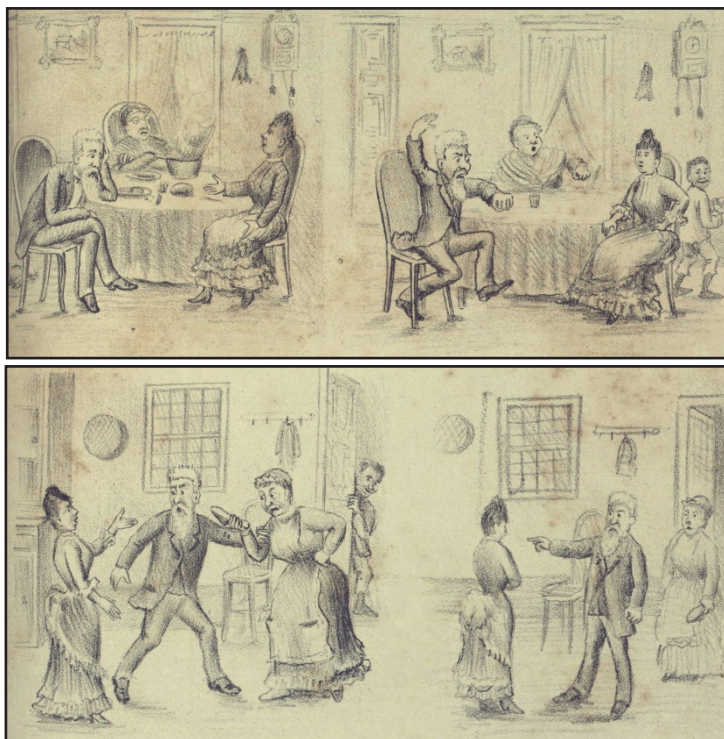




A terceira parte de “Cenas caseiras” tratava do recrudesimento das discussões de Bibina com os pais. Margarida desafiava a filha: “minha lambisgoia, como que já sejas senhora dos teus narizes, veremos quem vence esta questão”, sendo apoiada por Anastácio, que completava: “a frangota entende que já é senhora de si e que há de ir satisfazendo os seus desejos”. Perante tal quadro, Bibina reclamava que sua vida ia “muito mal” e estava emagrecendo “a olhos vistos”. Os pais garantiam que permaneceriam

fazendo oposição ao namoro, chegando Margarida a ameaçar a moça com um chinelo. Como Bibina insistia em seguir seu coração, os pais decidiam por retirá-la da cidade, de modo a torná-la obediente e amoldar os seus desejos, imaginando que assim acabariam “os amores”, pois “o que os olhos não veem...” (A VENTAROLA. Pelotas, 7 out. 1888. A. 2. N. 80. p. 4-5).





A historieta ilustrada continuava em sua quarta, quinta e sexta partes, nas quais aparecia a família em uma outra cidade, entretanto, os encontros entre Bibina e Cazuza continuavam, permanecendo o namoro às escondidas e à espera de que ele arranjasse um emprego. Mas os pais acabariam por descobrir a relação secreta, decidindo mais uma vez mudar de localidade, para evitar que a filha ficasse com “um tipo sem eira nem beira”. Dessa vez, entretanto, a família sofria um acidente em meio à viagem e quem lhes viria salvar seria exatamente Cazuza. A estória terminava com “final feliz”, ou seja, com o casamento entre os enamorados, permanecendo como moral da mesma: “É sempre este o fim que têm as imposições de velhos toupeiras

sobre a inclinação dos filhos” (A VENTAROLA. Pelotas, 14 out. 1888. A. 2. N. 81. p. 4-5; A VENTAROLA. Pelotas, 21 out. 1888. A. 2. N. 82. p. 4-5; e A VENTAROLA. Pelotas, 4 nov. 1888. A. 2. N. 84. p. 4-5).

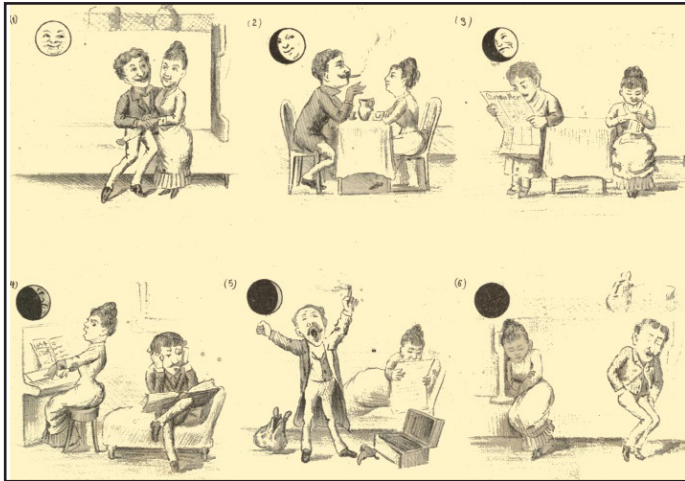


O tema voltava à baila na matéria intitulada “Namoro e mulheres” que trazia várias circunstâncias envolvendo casais enamorados. Segundo a folha, todos namoravam, “uns piscam os olhos à sorte grande; outros se requebram às moçoilas; aqueles sentem uns estremecimentos amorosos ao se lembrarem de um pergaminho de qualquer carreira...”; de modo que “o mundo é um namoro constante”. Eram citados encontros e juras de amor, além de promessas para Santo Antônio da parte de moça que “já está quase tia”. Havia também a reclamação dos pais que, movidos por interesses, viam a filha em um relacionamento sem futuro, lamentando: “Fresco divertimento! Não tem dúvida! Estar a *derreter-se* com um bisbórria que não tem onde cair morto...” (A VENTAROLA. Pelotas, 18 nov. 1888. A. 2. N. 86. p. 7.; e A VENTAROLA. Pelotas, 25 nov. 1888. A. 2. N. 87. p. 6-7).

A passagem do namoro ao casamento parecia demarcar um divisor de águas quanto à harmonia nas relações a dois e a *Ventarola* não deixou de registrar tal questão. Foi o caso da matéria denominada “Os quatro estados”, que mostrava uma desagregação contínua da

vida conjugal. Segundo tal concepção, o primeiro estágio era o do “noivado”, definido como o momento em que “o toleirão vivia arisco e solto, mas atraído pela lambujem e bom soído do milho no bernal, consentiu que lhe pusessem cabresto”. A segunda etapa seria a “lua de mel”, quando o homem “consente que lhe passem a mão no pelo e lhe deem dentadas no lóbulo das orelhas”. Já o terceiro período seria o de “permanência conjugal”, no qual “consente, o animal, que lhe ponham carga aos ombros, o fechem à noite no pátio e lhe deem comida à ração”. Finalmente vinha a derradeira fase, a de “pai de família”, quando havia “mais carga ainda nos ombros já pisados – mulher e prole –, faz de ama seca, ouve calado as descomposturas da mulher e vai por toda a parte apregoando as vantagens do estado” (A VENTAROLA. Pelotas, 5 jun. 1887. A. 1. N. 9. p. 7).

Seguindo a mesma perspectiva acerca dos desgastes nas relações matrimoniais, o periódico mostrava ilustração com “As seis fases da lua de mel”. Apresentava a evolução lunar associada à caracterização da vida a dois, inicialmente carregada de entusiasmo, carinhos, interesses em comum e convívio harmônico; mas, à medida que o tempo passava, a convivência ia ficando mais difícil, cada qual desenvolvendo atividades e movido por interesses próprios, em um quadro crescente de afastamento e desentendimento. A conclusão se dava exatamente na plena discordância e o completo isolamento, com a existência de um casal apenas na denominação, pois o companheirismo, na prática, ficara perdido em um passado não tão distante (A VENTAROLA. Pelotas, 28 abr. 1889. A. 3. N. 109. p. 8).



Tais desencontros conjugais eram mostrados também em sessão humorística denominada “Coisas para rir”, a qual apresentava a historieta de “um bêbado” que “deu fundo da viagem à volta do mundo, no xadrez da polícia”. Tal indivíduo, “sozinho, filosofava assim: Se eu não bebesse, não me tinha casado; se me não tivesse casado, não tinha mulher; se não tivesse mulher, não teria quem me fizesse fosquinhas, e, portanto, não tinha necessidade de bater na mulher; se a não tivesse espancado, é porque não tinha bebido”. Após um suspiro, o bêbado continuava em seu “círculo vicioso” de arrependimento, de modo que a moral da história era a de que, “Pelo que dizia o homem, só casa quem tem – bebido” (A VENTAROLA. Pelotas, 9 out. 1887. A. 1. N. 27. p. 7).

Outra apreciação sobre o casamento, sob o título “Aparas”, vinha na forma de versinhos: “Casa-te, terás mulher;/ Se é bonita, quer guardar;/ Se é feia, quer aborrecer;/ Se é rica, quer contentar.../ Se é pobre, quer manter” (A VENTAROLA. Pelotas, 25 mar. 1888. A. 1. N. 51. p. 7). Já a visão acerca do matrimônio como algo insuportável

vinha na seção “Miscelânea”, com o título “Ao pé da letra” (A VENTAROLA. Pelotas, 1º dez. 1888. A. 2. N. 88. p. 6):

Adélia, que é muito afeiçãoada ao canto, dirigindo-se ao marido:

- Quisera ser uma estrela!

- Oxalá que o fosses, disse o marido cheio de aborrecimento.

- E por que o desejas?

- Porque a mais próxima dista de nós onze milhões, seiscentos e setenta mil, novecentos e setenta e um quilômetros.

O teor era muito próximo em outra historieta publicada na seção “Sala de pilhérias” (A VENTAROLA. Pelotas, 17 mar. 1889. A. 2. N. 103. p. 7):

Marido e mulher passeiam nos subúrbios da cidade. De súbito, a dama, que andava colhendo flores silvestres nas plantas que marginam a via-férrea, solta um grito terrível. Um comboio caminha para ela a toda velocidade.

Naquele transe aflitivo, a pobre senhora dá um grito desesperada, e consegue salvar-se do perigo.

O marido, com uma grande comoção e à parte:

- Estes caminhos de ferro! Sempre atrasados, os malditos!

O desgaste nas relações familiares devido ao mau gênio de um dos cônjuges foi representado pelo jornal através de desenho. A caricatura trazia uma mulher irascível que maltratava a todos em casa, sendo descrita como uma “mulherzinha de cabelo na venta”, que “em casa traz tudo em uma roda viva”, de modo que “quando seu esposo demorasse um pouco mais, à noite, na rua, a *complacente* senhora agarra-se-lhe às orelhas que é um Deus nos acuda!...”. Quanto à filha do casal, eram destacados “os rigores com que é tratada pela *bondosa* mãezinha”, de maneira que a moça tentou fugir daquela situação, arranjando um namorado,

resultando na reação violenta da progenitora que acabou por tirar-lhe a vida (A VENTAROLA. Pelotas, 31 mar. 1889. A. 3. N. 105. p. 4-5).



Frases rápidas, mas carregadas de sentido crítico apareciam na seção “Hora da galhofa”. Em uma delas, um menino perguntava: “Papá, conhecestes a mamã muito antes de casar com ela?”; ao que o pai respondia com amargura: “Não; só a fiquei conhecendo muito tempo depois” (A VENTAROLA. Pelotas, 7 jul. 1889. A. 3. N. 119. p. 4). Outra vinha em forma de definição, explicando que “o amor é uma moléstia que tem três períodos: desejo, posse e sociedade” (A VENTAROLA. Pelotas, 14 jul. 1889. A. 3. N. 120. p. 3). Já em outra seção denominada “Pensamentos de todo o mundo”, um deles era: “Quem se casa submete solenemente a sua liberdade à lei e o seu destino ao capricho”. E, sob o título de “Dois maridos”, era publicado o seguinte diálogo (A VENTAROLA. Pelotas, 25 ago. 1889. A. 3. N. 126. p. 3).

Conversavam dois maridos,
Um ciumento, outro não,
E o ciumento queixava-se
Que para ganhar o pão
Trabalhava noite e dia
Com canseiras e à porfia.

Diz o outro: – Mas você
Se trabalha, é porque quer:
Siga em tudo o meu exemplo,
Condescenda com a mulher
E ao ciúme dê alta,
Que em casa nada lhe falta.

A idade das mulheres como um fator limitador ao matrimônio, ou mesmo de agravamento dos desgastes conjugais foi outra temática abordada pela *Ventarola*. Na seção “Piadinhas” era feita alusão a não aceitação feminina quanto ao avanço da idade, sendo dito: “Sabe, minha senhora, que há quem lhe dê 50 anos?”; e vindo a resposta objetiva: “Dão-me; mas eu não aceito” (A VENTAROLA. Pelotas, 10 abr. 1887. A. 1. N. 1. p. 6). Em outro “pensamento” era dito que “a mulher velha e solteira é uma fruta ‘passada’” (A VENTAROLA. Pelotas, 10 jul. 1887. A. 1. N. 14. p. 7).

Também com relação a esse assunto, mais especificamente quanto ao receio de que as moças ficassem “para tia”, a seção “Horas de galhofa” apresentava a fala de “um velho pai”, que “lastima a sua sorte”, dizendo: “Eu raptei minha mulher de casa da mãe, quando ela tinha 18 anos; pois, agora tenho duas filhas, uma de 35 anos e outra de 37, e ninguém ainda se lembrou de raptá-las” (A VENTAROLA. Pelotas, 17 nov. 1889. A. 3. N. 138. p. 3). O consecutivo avanço cronológico feminino era observado na matéria “A mulher”, na qual havia a descrição da passagem da idade, ano a ano, com indicações quanto à aparência e, mormente, no que tange à diminuição da probabilidade de casamento (A VENTAROLA. Pelotas, 24 nov. 1889. A. 3. N. 139. p. 3):

Aos 12 anos, é a crisálida que espera a luz do amor para tornar-se dourada borboleta.

Aos 13, é um poema lírico a que falta a última estrofe.

Aos 14, é um hino de harpa eólia.

Aos 15, é um astro, em torno do qual rodopiam a graça,

a harmonia e o amor.

Aos 16, é uma estátua de Madona que procura um coração de homem para dele fazer seu altar.

Aos 17, é um cofre adamantino que guarda algumas joias.

Aos 18, é uma poética noite de estio, iluminada pelo doce clarão das estrelas.

Aos 19, é uma tarde cujo perfume embalsama muitos corações.

Aos 20, é uma harmonia de Lamartine, ungida pelo pranto de Julia.

Aos 21, é a estrela Vésper chorando sobre o balcão de Julieta.

Aos 22, é uma lágrima da noite banhando um túmulo de virgem.

Aos 23, é um raio prateado a serpentear por lindos vergéis.

Aos 24, é um pêndulo entre a dúvida e a esperança.

Aos 25, é uma harmonia de Bellini, mas que não encontra ouvintes.

Aos 26, é a última edição de um romance que gozou fama.

Aos 27, é uma dália que ainda conserva o aroma dos salões.

Aos 28, é uma estrela que se apaga ao clarão das alvoradas.

Aos 29, é um sol envolvido em brumas.

Aos 30, é a tarde aureolada ao manto do crepúsculo.

Aos 31, é o crepúsculo abraçado com a treva.

Aos 32, é uma lira cujas cordas começam a partir-se.

Aos 33, é a crença religiosa na falta da crença no amor.

Aos 34, é um berço a embalar crianças.

Aos 35, é um tope de violetas depois de três noites de baile.

Aos 36, é uma palavra que não tem rima no dicionário dos moços.

Aos 37, é um evangelho a pregar contra os moços.

Aos 38, é o Argos de uma casa.

Aos 39, é o purgatório das sobrinhas.

Aos 40, é cartilha do padre Inácio.

Aos 41, é um ponteiro que tudo aponta.

Aos 42, é um ninho que os passarinhos abandonaram.

Aos 43, é a impertinência em pessoa.

Aos 44, é um ponto de admiração em tudo quanto vê.

Aos 45, é uma lâmpada que já não tem óleo.

Aos 46, é uma palmeira infrutífera e cujas palmas vão tombando.

Aos 47, é um álbum estragado.

Aos 48, é o cadafalso do prazer.

Aos 49, é uma saudade debruçada sobre uma campa.

Aos 50, é um túmulo cheio de ilusões murchas.

Aos 51, é... é... A SOGRA.

Em qual dos casos porventura se acha a bondosa leitora?

Se a definição que cabe à sua idade lhe não agrada, console-se com a ideia de que o espírito da mulher nem sempre envelhece e que as graças com que a dotou a natureza perduram sempre com o mesmo mágico influxo no coração dos amantes.

Nas referências ao feminino realizadas pela folha caricata, havia também a incidência daquelas que não conseguiram inserir-se na vida conjugal. Nesse quadro, as solteiras eram apresentadas como prenhes em angústia por adquirir um consorte. De acordo com tal perspectiva foi publicada caricatura denominada “O mundo às avessas”, mostrando uma moça que encaminhava um rapaz para uma carruagem, invertendo o ato então conhecido como o rapto, normalmente feito do homem em relação à mulher e, naquele caso, dava-se o oposto. A legenda dizia: “Até aqui, eram os rapazes que roubavam as moças, agora é ao contrário... Que vocação pelo casamento?!...” (A VENTAROLA. Pelotas, 11 nov. 1888. A. 2. N. 85. p. 1).



Quanto às excluídas do casório, o periódico fazia uma série de julgamentos depreciativos na matéria denominada “O que é uma solteirona” (A VENTAROLA. Pelotas, 17 jul. 1887. A. 1. N. 15. p. 6):

Eis aí uma interrogação que qualquer mortal não enfronhado na “literatice” responde ao pé da letra.

O que é uma solteirona?!...

É uma bananeira que foi crestada pelas geadas da vida e que não chegou a dar cacho; é uma trovoadas medonha que não é acompanhada de chuva e que se desfaz com uma enorme polvadeira; é uma aluvião de mosquitos que não nos deixa conciliar o sono; é uma laranja seleta que nunca tem sementes; é uma sinalefa na ordem da procriação; é... um querer e não poder; é, finalmente, a encarnação da mentira.

Eis aí, em breves traços, o que é uma solteirona, e se não – ouçamo-la:

“O que estás tu aí esperando na janela, Maricota?...

Titia, estou esperando que passe o primo Maneca:

o diabo do rapaz prometeu-me vir esta tarde jogar a bisca e até agora não aparece!

Boa “bisca” é ele: espera deitada que tens tempo para isso.

Olha, minha sobrinha, – os homens são piores que satanás: eu, se quisesse, já estava casada a mais de... vinte anos; entretanto, como sempre tive horror a tudo quanto não veste saia, desprezei as propostas de um ajudante de ordens de Sua Majestade, de um engenheiro civil, de um deputado em perspectiva, de um doutor em Direito e outro em Medicina e, ainda há poucos dias, do nosso vizinho o Sr. Atanásio Bemfeito Caspíte-domine, que, como sabes, é um hábil ferrador e alveitar.

Inda ontem teve ele a “ciência” de por são como um pero o cavalo do mano Juca, como de tudo fosse testemunha ocular.

Podes daí deduzir que – em se tratando de homens é o mesmo que se tratar do diabo. Não deves ignorar que o diabo pertence ao sexo masculino; ora, tira tu lá as consequências e vê, depois, se vale a pena estares esperando pelo teu primo Maneca, com essa boa fé dos pobres de espírito que julgam ainda as possibilidades de serem necessários os dois sexos para a reprodução das raças.

Ouve os meus conselhos, Maricota: uma moça formosa como tu, bem feita, gordinha, corada, loira, “de cabelos crespos e olhos azuis”, deve seguir o meu procedimento: ficar solteira, repudiando com valor e energia, esse sexo maldito, que é a origem de todas as nossas desgraças.

- Não obstante, titia, toda a lógica das suas asserções, eu sinto “não sei que” aqui pelos lados do coração, que me puxa, que me prende, que me retém nesta janela... na esperança de que o primo Maneca há de vir e que com ele inda hei de ser muito feliz e que inda há de a titia dar a sua benção a um sobrinho neto.

Dê-me cá suas mãozinhas: eu “talareio” e vamos a dançar uma mazurca até que ele chegue.

“Tra-la-ra”, primo Maneca;

“Tre-le-ré”, tomara-o cá;

“Tri-li-ri”, que leve a breca

“Tro-lo-ró”, esta sinhá.

Com a chegada do primo, prima e tia chegam à forma: os dois pombos arrulham ternamente e a solteirona, servindo de testemunha à cena tão natural, – Pega no rosário.

E fica-se a... rezar.

Outra incursão à questão das mulheres alocadas fora do matrimônio era representada pelas referências às viúvas. Ainda assim, o hebdomadário insistia na abordagem de que, mesmo nesse caso, o objetivo feminino continuaria a ser a volta à condição de casada. Nessa linha, publicou “Diálogo conjugal”, em que era feita a afirmação: “É admirável, queridinha; sempre conheci a tua amiga Cristina de cabelo grisalho, e ontem, no teatro, vi-a de cabelo preto!...”. Já a réplica era carregada de ironia: “Ah! já sei, pobre senhora!... é em sinal de luto... coitada, depois que lhe morreu o marido...” (A VENTAROLA. Pelotas, 5 jun. 1887. A. 1. N. 9. p. 6-7). Em perspectiva idêntica eram publicados versinhos, tecendo a consideração de que “A viúva rica e nova./ Que na igreja muito atenta/ Lança devota água benta/ De seu marido na cova/ Só com a ponta do dedo:/ Com certeza casa cedo” (A VENTAROLA. Pelotas, 19 jun. 1887. A. 1. N. 11. p. 3).

Em meio a tantas maledicências, foi publicada a definição do termo “donzela”, como a “charada que muitos não conseguem decifrar e que, muitas vezes, não tem... conceito” (A VENTAROLA. Pelotas, 17 abr. 1887. A. 1. N. 2. p. 7). Mulheres terríveis foram também retratadas na matéria “Procurem a mulher”, versando sobre representantes do sexo feminino que estariam a ameaçar os homens na repressão a alguns de seus hábitos (A VENTAROLA. Pelotas, 10 jul. 1887. A. 1. N. 14. p. 2-3):

Antes do que está colocada a mulher?...

É esta a pergunta que se faz desde o palácio do mais potentado aristocrata até a choupana do mais humilde... burguês.

A resposta a tal proposição fica reservada às inúmeras leitoras da *Ventarola*.

Entretanto, aqui baixinho para que ninguém nos ouça, – fiquem todos sabendo que é o álcool e o tabaco.

Pois bem: as senhoritas habitantes de Newton, em New-Jerson, tiveram a peregrina lembrança de constituir-se em sociedade para guerrear o segundo e o terceiro prazer hominal: a absorção das matérias alcóolicas e a aspiração do fumo tabágico. (...)

Qual foi o epílogo de tanta austeridade e tirania?...

A bela rapaziada de Newton, unida por um só pensamento, deliberou vingar-se de semelhante imposição, indo procurar nas povoações vizinhas noivas menos exigentes e mais amantes das delícias alcóolicas e das seduções tabágicas.

Assim como significativa parte das publicações caricatas, *A Ventarola* também fazia apreciações muito pouco lisonjeiras a respeito do feminino, apresentando por vezes as mulheres como seres malévolos. Foi o caso de um soneto dedicado “A um namorado” e publicado na seção “Um pouco de tudo”, o qual trazia conselhos desabonadores em relação ao feminino (*A VENTAROLA*. Pelotas, 24 mar. 1889. A. 2. N. 104. p. 7):

Essa mulher por sobre quem estendo
A tua alma um clarão suave e brando,
E que vai tua vida iluminando,
O que em teu peito existe não entende.

Debalde falas e soluças quando
Mais para o amor teu ser se inclina e pende;
Ouve-te as frases, mas não compreende
As que teu coração lhe vai ditando.

Como essa são as outras, mais ou menos,
Enganam-nos e dão-nos mil venenos
Em taças de ouro... Pérfidas! Ingratas!

Desprezas, pois a que amas tu agora.
 E se queres chorar na cama chora,
 Mas manda-a de uma vez plantar batatas.

Às mulheres que fugiam ao padrão desejado eram imputadas apreciações críticas, mesmo que calcadas no caráter jocoso. Foi assim na historieta que apresentava “uma namoradeira sempiterna”, que “censurava acremente um irmão seu, por se entregar ao vício do jogo”, dizendo-lhe: “Ora dize-me, quando hás de tu ter juízo e deixar de jogar?”. A resposta do “jogador” era: “Quando tu deixares de namorar.”, redundando daí a tréplica: “Ai que desgraçado! Queres então jogar toda a tua vida?” (A VENTAROLA. Pelotas, 4 ago. 1889. A. 3. N. 123. p. 3). Também nesse sentido, era publicada uma “definição toda por uma galante rapariga”, que dizia “a mulher é um fruto de que os libertinos comem a casca, os amantes a polpa e os maridos o caroço” (A VENTAROLA. Pelotas, 13 out. 1889. A. 3. N. 133. p. 3).

No rol das maldades atribuídas às mulheres, havia uma atenção especial para retratar a perfídia. Nessa linha, foi apresentada caricatura na qual a mulher era surpreendida pela chegada antecipada do esposo, recebendo nervosamente: “Ah! Meu marido! Que surpresa. – Não pensava que viestes hoje, eu te esperava depois de amanhã. Benvindo sejas!...”. O detalhe obscuro era a presença do amante escondido sob a cama (A VENTAROLA. Pelotas, 26 jun. 1887. A. 1. N. 12. p. 8).



Ainda quanto ao tema da traição, no campo das definições, era apresentada: “a mulher que trai o seu marido, é como o vinho... falsificado.” (A VENTAROLA. Pelotas, 1º jul. 1888. A. 2. N. 66. p. 6). A suposta tendência feminina para a infidelidade era tema recorrente, como na historieta publicada na seção “Horas vagas”, segundo a qual, “depois do casamento, houve um jantar feito a capricho”, de modo que, “no dia seguinte, o noivo perguntou à sua jovem desposada” do que ela mais gostara. A tal pergunta, “ela, baixando os olhos”, respondia: “Daquele moço que estava defronte de mim” (A VENTAROLA. Pelotas, 1º dez. 1889. A. 3. N. 140. p. 3).

As várias implicações em torno da beleza e da aparência eram outras recorrências nas páginas da *Ventarola*. Nesse sentido, na seção denominada “Salada” foi publicado o texto “A mulher bonita”, fazendo referência ao “oval gracioso do rosto”, ao “corpo esbelto”, e ao “pé e mão adorados, admirados, comentados durante tão longa série de luas”. Explicava que não importava a passagem dos anos, desde que “o marido ama ainda alguma coisa na sua esposa, é sua mulher e não mais a bonita mulher”, já que

“a bonita mulher torna-se um luxo importuno, um apanágio assustador, um letreiro perigoso, que tem seu lado bonito voltado para o lado da rua, do qual só se tem o avesso: pode atrair o raio” (A VENTAROLA. Pelotas, 19 jun. 1887. A. 1. N. 11. p. 3). Em linha próxima, aparecia o pensamento: “A mulher que amamos tem sempre para nós a beleza e os atrativos de uma Vênus” (A VENTAROLA. Pelotas, 10 jul. 1887. A. 1. N. 14. p. 7).

Por outro lado, eram apresentadas visões críticas, como na seção “Zig Zags”, a qual versava sobre a vaidade, indicando que “as mulheres que se pintam deviam trazer este letreiro na frente: *Vanitas vanitatum et omnia vanitas*”, gerando a reflexão de que “da vaidade vivem todos os pobres de espírito” (A VENTAROLA. Pelotas, 1º jul. 1888. A. 2. N. 66. p. 6). Ao mesmo tempo, as mulheres eram apreciadas apenas sob o ponto de vista das exterioridades, em matéria intitulada “A mulher”, publicada na seção “Miscelânea” (A VENTAROLA. Pelotas, 30 set. 1888. A. 2. N. 79. p. 7):

Em sua primeira idade, a mulher é a primavera; mas, em geral, a mulher clara é o inverno, a morena o estio, a trigueira o outono.

A clara é a neve, a morena o calor natural, a trigueira o fogo.

A clara é agradável, a morena graciosa, a trigueira engraçada.

A clara é formosa, a morena é bonita, a trigueira bela.

A clara tem feitos, a morena graças, a trigueira atrativos.

A clara é a poesia, a morena a doçura, a trigueira a bondade.

A clara causa o desejo da admiração, a morena o da posse, a trigueira o do agrado.

O recorrente tema aparecia também nos versos intitulados “As mulheres”, projetando um olhar censório sobre o feminino, pelos excessivos cuidados com a aparência (A VENTAROLA. Pelotas, 4 ago. 1889. A. 3. N. 123. p. 3):

Mulher muito feia e velha
Que gosta de se enfeitar,
Para os tolos enganar
Sentada sempre na porta,
Que idiota.

A mulher vaidosa e tola,
Que para sustentar o luxo
Sacrifica o próprio bucho
E não come todo o dia
Que mania.

Mulher presumida e tola
Que traz cauda no vestido,
Atormentando o marido
Para comprar-lhe alguma joia
Que pinoia.

Viuvinha que ainda há pouco
Perdeu o seu bom marido,
E já com rico vestido
Se apresenta muito bela,
Longe dela!

Mulher feia de mau gênio,
Que arregaçando o vestido,
Dá pancada no seu marido,
Sempre num calor eterno
Oh! que inferno.

Moça feia da roça
Que uma perna tem mais fina,
Falando como buzina
De um modo muito afetado.
Que pecado!

Ouvindo missa ou sermão,
A moça, por desenfado,
Joelhos postos no chão,

Estando a mãe ao lado
Abre o livro da oração...
Prega o olhar para o namorado.

Tais questões surgiam também em soneto publicado à guisa de “Anúncio”, na seção “Horas de galhofa”, no qual um rapaz anunciava-se como em busca de uma pretendente, descrevendo os detalhes que pretendia observar na escolhida (A VENTAROLA. Pelotas, 17 nov. 1889. A. 3. N. 138. p. 3):

Um moço belo e amante
De carícias, doces beijos,
De achar tem vivos desejos
Uma moça fascinante.

Oferece por garantia
A quem quiser aceitá-lo,
Seu coração, para habitá-lo,
Fazer dele moradia.

A moça deve ter belos
Os olhos; lindos os dentes;
Pretos, finos os cabelos.

Se assim não for... *abrenuntio!*
Por favor, não se apresente,
Nem sequer leia este anúncio.

Ao tratar do feminino, uma das preferências da *Ventarola* foram os tópicos voltados à moda, notadamente expressando uma crítica de costumes, ao manifestar-se sobre os excessos dos modismos. Nesse contexto esteve inserido o texto denominado “Modas”, que parecia apenas uma indicação de dois figurinos para situações diferentes, mas guardava em si várias impressões calcadas no humor (A VENTAROLA. Pelotas, 17 abr. 1887. A. 1. N. 2. p. 3):

Figurino N. 1 – Passeio:

Saia de lanzuk cor de sogra danada com pintas pretas. Babados de Valenciennes chumbeados. Babadão de “cachemir bleu chaud” com macaquinhos no centro.

Vasquine apertada o quanto se puder na cintura, embora isso cause vômitos e ânsias de estômago. Braços de fora ou mangas decotadas “ad libitum”. Na gola, rufo de filó amarelo com gatinhos encarnados.

Chapéu de “paille d’Italie” de 0,50 m. de altura e aba fingindo um cesto de carga virado para baixo. Plumas e flores de todas as cores. No topo uma galinha com os respectivos pintos.

Luvras até as espáduas, servindo de manga.

N. B. – A anquinha deve ter três palmos de largura; e, na falta de anquinha, podem-se por no lugar respectivo dois almofadões de lã, desses que servem de encosto nos sofás.

A saia pode ser muito curta e, nesse caso, convirá usar sapatinhos de casca de noz, com meias de gaze bem aberta.

Nas canelas finas põem-se chumaços.

Figurino N. 2 – Para baile:

Saia de “peau de chèvre gris perle” com salpicões encarnados ou salpiquinhos “blond” completamente lisa.

No pano da frente, bordado a seda frouxa, um leque chinês e no lado oposto uma caturrita ou um pato arminho.

Casaquinho justo, fingindo que cobre o corpo, com laçarotes verdes e amarelos. “Rufo” de marmelada branca com confeitos azuis.

Sapatinhos de salto a Luiz XV com dois cachorrinhos pintados no bico.

Penteado semelhando uma abóbora menina depois de madura, e no tope um ramo de magnólias abertas.

Anquinha de 4 palmos de comprimento.

O título “Modas” voltava a ser editado, apresentando “traje de passeio para homens” e “para senhora – *toilette* de viagem”, o qual seria composto por “roupão de veludo preto acolchoado com estrelas brancas” e “tundá de abóbora e chapéu afunilado”, explicando que tal “vestimenta pode

também servir para mortalha e assim torna-se econômica” (A VENTAROLA. Pelotas, 1º maio 1887. A. 1. N. 4. p. 7). Um utensílio usado para ampliar as formas femininas era também alvo da crítica do semanário, ao trazer na seção “Notícias várias”, a suposta informação de “que algumas moças amantes delirantes da moda, não contentes com o tamanho das anquinhas que até agora usaram”, de modo a “mais saliente tornarem a parte que elas cobrem, vão mandar fazer almofadões de crina, semelhando uma esfera armilar serrada ao meio”. A folha explicava que “não se sabe bem o tamanho do novo objeto, mas calcula-se que assumirá as proporções de um barril de décimo”, arrematando que, “em último caso, tais objetos poderão servir de travesseiros” (A VENTAROLA. Pelotas, 8 maio 1887. A. 1. N. 5. p. 7).

O tema dos enchimentos para a parte posterior do corpo feminino era retomado em caricatura mostrando dois figurinistas que intentavam ampliar aquela silhueta. Após muito pensar e desenhar, eles chegavam à conclusão de adicionar um banquinho para aumentar o volume da área corpórea em questão. Segundo a folha, as moças ainda viriam a ampliar a invenção, ao passo que o inventor receberia os louros da glória (A VENTAROLA. Pelotas, 19 jun. 1887. A. 1. N. 11. p. 8):



As nossas mulheres andam muito chatas, muito espremidas, Mr. Tissot. Não poderá inventar alguma coisa que lhes dê melhor aspecto. O Sr. Tissot considera.

- Este banco, não acha? Dá muito *chic* a esta parte do corpo do manequim.

- Parabéns, meu bom Tissot!

- Mas não seria melhor, incomparavelmente melhor, por o banco nesta posição?

- Concorde.

- Magnífico, Sr. Tissot; dê-me um abraço. Você é um segundo Fídias, um Miguel Ângelo, um Rafael em invenções! Só mesmo nós que temos semelhantes ideias.

As moças tratam logo de *aperfeiçoar* a moda, aumentando as proporções do banco para que os *horizontes* mais se destaquem.

E mandam as ninfas coroarem o Sr. Tissot. Viva Tissot!

Outras apreciações acerca do tema eram feitas pelo semanário na matéria intitulada “O que são as modas”¹ (A

1 A matéria dizia: “Não há muitos anos ainda, em 1852, simplesmente, o sexo amável usava uma dúzia de saias, engomadas, quase todas, pente de tartaruga de 50 centímetros de largura, vestido comprido adiante, e calçado à vontade porque nele não pairavam profanas vistas. Logo depois foi suprimido tamanho número de saias pelo memorável *balão*, que teve a habilidade de abalar em seus alicerces a sociedade feminina. Quem não envergava balão não pertencia ao sexo gentil. Moças, formosas ou feias; velhas, sérias ou gaiteiras, cabras, cabrochas e crioulas, minas, congos ou benguelas, – tudo usava balão e pente de 50 centímetros. Quem era pobre fazia balão de cipó e usava pente de chifre; quem, pelo contrário, dispunha de recursos monetários, comprava o seu balão nas lojas, por bom preço, bem com o rico pente de tartaruga. Muita ‘tartaruga’ vi eu com estes pentes. Nos bailes, por mais cuidado que houvesse, era uma calamidade! Na valsa, principalmente, e ao encontro sucessivo dos balões, valia bem a pena ficar-se fazendo renda: via-se cada coluna reforçada! Cada junto de lagoa!... Depois a moda acabou-se; apareceram as *toillets à imigra*, revelando tudo quanto os malditos balões encobriam por tanto tempo. Moda elegante era aquela! Tudo se nos patenteava tal qual a natureza for-

VENTAROLA. Pelotas, 14 ago. 1887. A. 1. N. 19. p. 6). O assunto aparecia também em caricatura que contava com a presença do próprio bobo da corte – símbolo dos caricaturistas – que, em versos, comentava as modas em meio ao público feminino presente em festividade (A VENTAROLA. Pelotas, 20 nov. 1887. A. 1. N. 33. p. 8):

Foi na Festa do Rosário
Que a história toda se deu:
Eu vi, ninguém me contou
Como o caso aconteceu:

Que é isto, linda Joaninha
Interroga Dona Uraca,
Ai, meu Deus! que grande anquinha!

mou: na frente era um aperto bárbaro que revelava todas as *ondulações* corporais. Não havia altos e baixos que ficassem ocultos: tudo ficava em alto relevo. Os pentes foram substituídos por punhais. Eis se não quando a moda foi-se e aparece depois mais garrida e mais *chic*: não trouxe consigo a natureza por companheira: mancomunou-se em público e raro com um colchão imenso um pouco abaixo da região lombar... Às Sras. ricas aconselhou que andassem por arames e às proletárias que se *almofadassem* na proporção das suas forças. *Toilet* mais curto atrás que adiante, sapatinho bem enfeitado, meia de cor, tudo isto disposto de forma que possa ser visto e admirado. O vento, que dantes era o tinoso, hoje é um anjo benfazejo... Como não desabe um ciclone, um vendaval danado e furibundo: em tendo a Mariquinhas feito tenção de sair às 3 horas da tarde, para comprar uma fita, e porque sai mesmo. Se ela usa vestido curto, anquinhas e calça um sapatinho novo e na *chic*... Enfim de contas o que tem lá que o próximo saiba se a liga da Mariquinhas é verde ou azul? Peço à divina providência que me conceda mais alguns anos de vida para ter ocasião de apreciar qual é a moça de Pelotas que enverga o mais lindo saiote. Então não perderei um só baile na *Terpsicore*, a fim de render graças ao Criador... de tantas maravilhas, aproveitando a ocasião para censurá-lo acriminosamente por haver se descuidado a ponto de intermear-lhes algumas varetas de chapéu de sol”.

Mais parece uma barraca.

Não se assuste vizinha;
Não acho tão grande a roda:
Não quer que a sua Joaninha
Acompanhe em tudo a moda?

Mas, meu anjo assim também
Parece ser já demais...
Não vês que os moços te veem
As pernas piramidais?

Não me dirá para que
Se compra uma linda meia?...
O que lucra quem vê
Perninhas de centopeia?...

Inda se fossem de alento
Mas são tão finas que até
Parece que o próprio vento
Lhe move o corpo e o pé.

Qualquer dia, meus queridos
O saiote entra na moda.
Se fazem já nos vestidos
Por dia mais de uma poda!

Como é isto edificante!
Como faz a gente rir!
Alegre um triste semblante,
Não deixa mágoas cumprir.

Por um lado não é mau;
Há bastante economia:
Quando houver algum sarau
Que prazer e que alegria!



O periódico chegou a publicar uma “Filosofia da moda...”² (A VENTAROLA. Pelotas, 23 set. 1888. A. 2. N.

2 Assim era expressa tal “filosofia”: As belas coisas são para as belas, dizia Shakespeare. A mulher tem um gosto natural para tudo que é belo, elegante, brilhante e rico. Os enfeites são para ela um tributo pago à realza de seus encantos. A mulher enfeitada não é somente a mulher que julga aumentada a sua beleza por tais ornamentos, – é Huron trazendo em sua cinta os cabelos dos inimigos para testemunhar a sua vitória, é o soldado ornado com a sua espada e suas dragonas; é a divindade pagã, que, não satisfeita de sorver o incenso que se lhe queima, quer ainda que seu altar seja carregado de oferendas e de ex-voto, e exige que se imole vítimas gordas e que se faça milhares de sacrifícios à sua potência. Assim, para a maior parte das mulheres, não basta que as oferendas sejam de objetos ricos e brilhantes, é preciso ainda que sejam esquisitas e extravagantes e que atestem que chega até o delírio a piedade dos seus adoradores. Todas as circunstâncias da vida das mulheres têm em resultado e muitas vezes por causa a mudança do seu vestuário ou de seu *toilette*, que divide a vida feminina em duas fases distintas. Quando a mulher acha-se vestida de chita, as suas aspirações se reduzem à posse da mão de um artista inteligente e honrado; quando a vestimenta é de lã, aspira a um bacharel formado em letras... gordas. Quando dá a sorte que o vestido seja de linho e seda... então os desejos da mulher já são maiores: um doutor em medicina ou um deputado geral. Se a vestimenta é de pura seda

78. p. 6-7). Já no campo das historietas, o hebdomadário apresentou “Quadras populares”, traduzindo em versos os sacrifícios femininos para estar de acordo com os ditames da moda: “Ai Maria! Vem depressa./ Desaperta este colete,/ Eu me sufoco... ai, já temo/ Estalar como um foguete!/ Nanhãzinha está tão bela!.../ Mas enfim dá tantos ais.../ Oh espera! Estou bonita?/ Pois então aperta mais” (A VENTAROLA. Pelotas, 30 set. 1888. A. 2. N. 79. p. 7). E, sob o título de “Pensamentos de todo o mundo”, o jornal apresentava uma sugestiva definição: “A moda é o grande ídolo e a única literatura da mulher” (A VENTAROLA. Pelotas, 25 ago. 1889. A. 3. N. 126. p. 3).

Por fim, o semanário caricato publicava na seção “Bric-a-brac” um verdadeiro debate entre marido e mulher, com o título “Cenas domésticas”, tendo por temática a moda (A VENTAROLA. Pelotas, 22 dez. 1889. A. 3. N. 143. p. 3). Assim *A Ventarola* repassava ao público leitor as tantas impressões que vagueavam pelo cotidiano, apreciando a presença do feminino em meio à sociedade.

Marido (zangado):

E ainda há homens
Que querem casar!
Quem pode com as modas
Mulher aturar?!
Quer hoje um vestido,
Quer outro amanhã;
Quer xales de lã,
Quer leques, quer luvas,
Quer meias, quer saia,
Quer fitas, quer rendas,
Requifes, cambraias,

da China, – adeus minhas encomendas: então um conselheiro de Estado, um banqueiro judeu, que são os mais fortes, é pouco ainda: almeja a mão de um príncipe. Em todo o caso, a burguesa que casar com um príncipe fica sendo princesa, ao passo que o burguês que casar com uma princesa, fica sendo o mesmo burguês. Coitado.

Quer mais um colete,
Quer voltas, pulseiras,
Quer quantas asneiras
A França cá mete;
E o pobre marido
Tudo há de pagar!
Quem pode com as modas
Mulher aturar?!

Mulher (com meiguice):

Chiquinho, sossega...
Para que te zangar?
Não peço mais nada
Para não te enfadar!...
Por hoje só quero
Me dês um fichu
Para irmos ao baile
Da Dona Lulu...
Depois um colete,
Botas, toucado,
Corpinho bordado,
Chapéu *mulatinha*,
Para ir ser madrinha
do meu afilhado...
Mais tarde, domingo,
Verei com vagar
Que mais para a festa
Preciso comprar.

Referências bibliográficas

ALVES, Francisco das Neves. *Do paraíso ao inferno: a construção de imagens femininas na caricatura rio-grandina do século XIX*. Lisboa; Rio Grande: Cátedra Infante Dom Henrique; Biblioteca Rio-Grandense, 2017.

BAHIA, Juarez. *Três fases da imprensa brasileira*. Santos: Presença, 1960.

_____. *Jornal, história e técnica: história da imprensa brasileira*. 4.ed. São Paulo: Ática, 1990.

BURKE, Peter. *Testemunha ocular: o uso de imagens como evidência histórica*. São Paulo: Editora da UNESP, 2017.

EPSTEIN, Isaac. *Gramática do poder*. São Paulo: Ática, 1993.

FERREIRA, Athos Damasceno. *Jornais críticos e humorísticos de Porto Alegre no século XIX*. Porto Alegre: Globo, 1944.

_____. *Imprensa caricata do Rio Grande do Sul no século XIX*. Porto Alegre: Globo, 1962.

KNAUSS, Paulo. O desafio de fazer História com imagens: arte e cultura visual. *ArtCultura*, Uberlândia, v. 8, n. 12, p. 97-115, jan.-jun. 2006.

MELO, José Marques de. *A opinião no jornalismo brasileiro*. Petrópolis: Voezes, 1985.

PINTO, Virgílio B. Noya. História e imagem, metamorfoses. *Comunicação & Educação*, São Paulo, (10): 15 a 23, set/dez. 1997.



COLEÇÃO RIO-GRANDENSE

A **Cátedra Infante Dom Henrique para os Estudos Insulares Atlânticos e a Globalização** e a **Biblioteca Rio-Grandense** reuniram esforços para editar a *Coleção Rio-Grandense*. Mais meridional unidade político-administrativa brasileira, o Rio Grande do Sul, tem uma formação penechada em peculiaridades em relação às demais regiões do Brasil, estabelecendo-se uma sociedade original em vários de seus fundamentos. Da época colonial à contemporaneidade, a terra e a gente sul-rio-grandense foram edificadas a partir da indelével posição fronteiriça, resultando em verdadeira amálgama entre os condicionantes luso-brasileiros e platinos. A *Coleção Rio-Grandense* tem por intento fundamental a divulgação da produção intelectual acerca de variadas temáticas versando sobre o Rio Grande do Sul, com preferência para as abordagens de natureza cultural, histórica e literária.



CIDH

Cátedra Convivada FCT / Infante Dom Henrique
para os Estudos Insulares Atlânticos e a Globalização



BIBLIOTECA
RIO-GRANDENSE

ISBN: 978-85-67193-29-8

